

MEMÓRIAS DE LETRAMENTOS

CARLOS HENRIQUE SILVA DE CASTRO
DANIELA DA CONCEIÇÃO ANDRADE E SILVA
LUÍS FELIPE PACHECO
PATRÍCIA MONTEIRO COSTA
(ORGS.)



VOZES DOS VALES DO
JEQUITINHONHA E MUCURI

(Orgs.)

Carlos Henrique Silva de Castro
Daniela da Conceição Andrade e Silva
Luís Felipe Pacheco
Patrícia Monteiro Costa

MEMÓRIAS DE LETRAMENTOS 7:
Vozes dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri



1ª edição

Diamantina
UFVJM
2024



Este trabalho está licenciado com
uma
Licença Creative Commons
Atribuição – Não comercial 4.0
Internacional



Com essa licença, você pode copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que dê créditos devidos aos autores, na maneira especificada por estes, e que os usos não sejam para fins comerciais.

Capa: Carlos Henrique Silva de Castro

Imagens internas: bancos de imagens gratuitas, imagens produzidas por IA e acervos pessoais dos/das autores/as.

Elaborado com dados fornecidos pelos organizadores

M533

Memórias de Letramentos 7: vozes dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri [recurso eletrônico] / Carlos Henrique Silva de Castro, Daniela C. A. Silva, Luís Felipe Pacheco, Patrícia Monteiro Costa (Orgs.). – 1 ed. – Diamantina: UFVJM, 2024.

122 p.: il. (Coleção Memórias de Letramentos ; 7)

ISBN: 978-85-7045-113-2

1. Letramento. 2. Professores - Formação. 3. Memórias. 4. Jequitinhonha, Rio, Vale (MG e BA). 5. Mucuri, Rio, Vale (MG e BA). I. Castro, Carlos Henrique Silva. II. Silva, Daniela C. A. III. Pacheco, Luís Felipe. IV. Costa, Patrícia Monteiro. V. Título. VI. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

CDD 372.6

Ficha Catalográfica – Serviço de Bibliotecas/UFVJM
Bibliotecária Viviane Pedrosa– CRB-6/2641

SUMÁRIO

	Apresentação.....	p. 07
1.	Menino Maluquinho, Pequeno Príncipe e Turma da Mônica: Histórias Que Me Apaixonei	p. 09
	<i>Alessandra Ketlei Fernandes B. Melo – Monte Azul/MG</i>	
2.	Ana Em Um Encontro Com a Leitura	p. 15
	<i>Ana Luíza Neta Muniz De Oliveira - Turmalina/MG</i>	
3.	Minha Infância Escolar	p. 21
	<i>Ana Maria Da Silva – Contagem/MG</i>	
4.	A Leitura Entre as Páginas da Minha Vida	p. 27
	<i>Arlindo Rodrigues Araújo – Januária/MG</i>	
5.	Contato Com a Leitura e a Contagem	p. 35
	<i>Daniel Xavier da Silva - Espinosa/MG</i>	
6.	A Presença da Educação em Minha Vida	p. 39
	<i>Daniele Mendes Rodrigues Nobre – Montes Claros/MG</i>	
7.	Um Livro: Memórias a Contar.....	p. 43
	<i>Delecy Costa Sardinha- Itamarandiba/MG</i>	
8.	Minhas Memórias Escolares.....	p. 51
	<i>Edilson José Da Costa – Santa Cruz de Salinas/MG</i>	
9.	Vida Estudantil	p. 61
	<i>Flaviana Moreira da silva – Turmalina/MG</i>	
10.	Memórias e Realizações	p. 65
	<i>Flaviane Barbosa Sena – Rubim/MG</i>	

11.	Minha História Como Estudante	p. 71
	<i>Ione Pereira Coelho Marques - Grão Mongol/MG</i>	
12.	História da Minha Vida: Memórias e Lembranças	p. 75
	<i>Isaias Teixeira dos Santos – Salinas/MG</i>	
13.	Meu Caderno do Menino Maluquinho	p. 83
	<i>Kênia Lopes Almeida – Turmalina/MG</i>	
14.	Minha História Com os Livros e Com os Números	p. 91
	<i>Liliane Lopes Barroso – Senador Modestino Gonçalves/MG</i>	
15.	As Letras Que Não Entendi	p. 97
	<i>Márcio Fernandes Rodrigues Júnior – Águas Formosas/MG</i>	
16.	Influência do Letramento na Matemática	p. 105
	<i>Maria da Conceição Braz – Senador Modestino Gonçalves /MG</i>	
17.	Perspectivas Sobre Letras e Números	p. 109
	<i>Mateus Câmara Andrade – Montes Claros /MG</i>	
18.	Uma Plataforma de Viagem Chamada Leitura	p. 115
	<i>Silas Oliveira Silva – Itamarandiba /MG</i>	
19.	Combinando o Ontem Com o Hoje	p. 119
	<i>Silas Pechim de Oliveira – Araçuaí/MG</i>	

Apresentação

Somos mais de 200 vozes com este sétimo volume da Coleção MEMÓRIAS DE LETRAMENTOS, iniciada em 2017 na Licenciatura em Educação do Campo da UFVJM. Mais precisamente, dezenove vozes unem-se às 198 anteriores em uma ode pelo e para os letramentos e as aprendizagens. Este novo volume traz narrativas de futuros professores de Física, Matemática e Química à distância, acadêmicos da nossa universidade.

Entre os diversos relatos sobre o impacto positivo da leitura e da educação, oriundos de diversos cantos e Minas, especialmente dos Vales, algumas histórias se destacam pela profundidade das experiências e pela dedicação dos protagonistas. De Espinosa, uma história reflete uma relação duradoura e multifacetada com as palavras e a contagem. De Turmalina, surge a experiência de uma estudante apaixonada por romances e participante das Olimpíadas de Matemática. O contato inicial com caça-palavras, palavras-cruzadas e gibis da *Turma da Mônica* marcou o início dessas trajetórias e de muitos outros autores e autoras no universo da leitura. Os contos infantis, como *Chapeuzinho Vermelho*, *Branca de Neve* e *A Bela Adormecida*, têm espaço cativo. O carinho pelos professores é uma constante em todos os relatos. Enquanto alguns relembram com afeto o apoio do professor que "segurava sua mão" e os conduzia nas primeiras letras e sílabas, outros mencionam obras indicadas por esses educadores. Altamira, Maria Luiza, Tia Ção e Tia Gisele recebem declarações de amor explícito. Foi através delas e de várias outras que conheceram *Dom Quixote*, *O Cortiço*, *Meu Pé de Laranja Lima* e *Chapeuzinho Amarelo*. Outros, inspirados por diferentes motivações, relatam suas leituras de obras estrangeiras, como *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, e até Shakespeare.

Machado de Assis, Cecília Meireles e Paulo Coelho são outros nomes que aparecem nas ecléticas práticas de leitura relatadas.

Partindo de um início no mundo da leitura com gêneros infantis, hoje esses leitores relatam uma dedicação a leituras mais complexas, como artigos literários e científicos. Para a maioria, a leitura não é apenas um passatempo, mas uma verdadeira jornada de aprendizado e expansão de horizontes, ilustrando como os livros podem ser ferramentas poderosas na construção de uma mente curiosa e engajada. Esse percurso demonstra um contínuo amadurecimento intelectual e ilustra como o letramento pode ser um processo dinâmico e transformador na vida dessas pessoas. Ao leitor, advertimos: cada nova página certamente acrescentará novas cores e camadas ao seu entendimento do mundo.

Carlos Henrique,

Daniela,

Luís Felipe e

Patrícia.

Outubro de 2024

**Menino Maluquinho, Pequeno Príncipe e Turma da
Mônica: Histórias Que Me Apaixonei**

Alessandra Ketlei Fernandes B. Melo
Monte Azul/MG



Fonte: acervo pessoal da autora

Minhas primeiras lembranças de leitura remontam a muito cedo, quando os únicos livros que eu conhecia eram a Bíblia e o livro de louvores. Recordo-me de como, todos os

domingos na igreja, meus olhos se fixavam nas páginas desses livros sagrados. Mesmo sem saber ler, as letras e palavras me intrigavam, e eu sentia um desejo profundo de entendê-las.

Minha mãe sempre lia a Bíblia para mim e para meus irmãos e, com isso, cresci com uma enorme curiosidade e vontade constante de aprender a ler e escrever.

Com o tempo, chegou o momento de meu início escolar, em 1999, quando eu tinha quatro anos. Entrei na Escola Estadual Rodrigues Alves, e lembro claramente do meu primeiro dia de aula. Minha mãe me levou pela mão até a sala, e tudo parecia muito diferente. O quadro negro ocupava a maior parte da parede da frente e as cadeirinhas enfileiradas aguardavam os pequenos alunos, como eu, prestes a descobrir o mundo das letras.

A professora, Tia Luciana, nos recebeu com um sorriso acolhedor e nos apresentou as vogais e o alfabeto logo na primeira semana. Letras coloridas coladas no quadro eram fascinantes para mim. Naquela época, as cartilhas eram a base do nosso aprendizado. A minha tinha uma capa azul vibrante, com figuras de animais e objetos do cotidiano. Eu passava horas em casa folheando aquelas páginas, tentando decifrar os sons e as imagens.

Quando finalmente consegui juntar as letras para formar minha primeira palavra, senti uma alegria imensa. Uma das minhas atividades favoritas na escola era a hora do conto. A professora se sentava em uma cadeira grande, enquanto nós nos reuníamos ao redor dela no chão, atentos às histórias que ela lia. Livros como *O Patinho Feio*, *João e o Pé de Feijão* e *As Princesas* eram como portas de entrada para mundos mágicos. Mesmo sem saber ler completamente, eu já imaginava as palavras ganhando vida nas páginas. Fiquei com essa maravilhosa professora no 1º e 2º períodos.

Aprender a escrever foi outra grande aventura. Lembro-me do orgulho que senti ao escrever meu nome pela primeira vez. As letras saíam tortas e desalinhadas, mas a sensação de ver meu nome no papel era indescritível. Recordo-me também de quando consegui fazer o numeral cinco pela primeira vez. Foi um dia surreal, e eu passei o resto do dia repetindo o numeral cinco. Meu lugar favorito na escola era a colorida e aconchegante biblioteca, cheia de livros. Eu amava passar o tempo lá, olhando aqueles livros.

Na primeira série, a leitura começou a se tornar mais fluente. Já não éramos mais iniciantes; agora eu conseguia ler frases inteiras e até pequenos parágrafos. A professora incentivava a leitura em voz alta, e cada um de nós tinha a chance de ler

para a turma. Embora nervosa no início, eu adorava a sensação de conseguir ler uma história inteira.

As aulas de caligrafia também se tornaram mais desafiadoras. As linhas dos cadernos ficaram mais estreitas, e eu precisava escrever com mais precisão. A professora corrigia meus cadernos com uma caneta vermelha, mas sempre elogiava meus esforços. A leitura de livros infantis tornou-se uma parte regular das aulas, e comecei a me apaixonar por histórias mais longas e complexas, como *O Menino Maluquinho* e *O Pequeno Príncipe*, além dos gibis da *Turma da Mônica*.

As atividades de leitura e escrita evoluíram para a produção de pequenos textos. Lembro-me da minha primeira redação, cujo tema era "Minha família". Dediquei-me a escrever sobre minha mãe e meus irmãos. Foi desafiador, mas a sensação de ver minhas palavras organizadas em um texto completo foi muito recompensadora.

Na escola, eu também participei de eventos como o JIRA (Jogos Internos Rodrigues Alves), e minha equipe ganhou o campeonato de queimada e porta-bandeiras, recebendo uma linda medalha. O ensino fundamental na Escola Estadual Rodrigues Alves foi maravilhoso. Levava livros para casa para ler e amava cada um deles. Os professores, com tanto amor e

carinho, fizeram da escola um grande ponto de partida para mim, servindo como um sólido alicerce para meu ingresso no ensino médio.

No ensino médio, na Escola Estadual Tancredo Neves, percebi que a leitura e a escrita eram muito mais do que apenas juntar letras e palavras. Os textos que lia nas aulas de Língua Portuguesa eram mais longos e abordavam temas mais complexos. A professora apresentou-nos os primeiros contos e crônicas, e foi nessa época que descobri autores como Monteiro Lobato. Escrever também se tornou um exercício mais profundo.

O ensino médio também trouxe desafios adicionais, como cálculos que misturavam números e letras. Foi um período de grande aprendizado, que me proporcionou conhecimentos valiosos para a vida adulta, como a administração da minha vida financeira, tomada de decisões, trabalhos, economias, investimentos e consumos. Agora sou universitária. Tudo o que aprendi nos anos acadêmicos serviu como combustível para minha vida pessoal e cotidiana.

Ana Em Um Encontro Com a Leitura

Ana Luíza Neta Muniz De Oliveira

Turmalina/MG



Fonte: pixabay.com

Olá! Vou contar um pouco sobre a minha relação com a leitura ao longo de vários períodos da minha vida. Sinto dizer que não me lembro de muita coisa, mas espero que, ao entregar os contos, as lembranças comecem a aflorar.

No começo da minha infância, não me lembro das relações das pessoas que conviveram comigo com a leitura ou os estudos, mas me lembro de que sempre gostei muito de

brincar de escolinha, a famosa brincadeira em que fingíamos ser alunos e professores. Confesso que amava ser a professora e passava horas fazendo as “atividades” para meus “alunos” realizarem. Eu era sempre felizarda em ser professora, pois era a mais velha da turma. Gostava tanto de não largava os cadernos e livros que sobravam dos anos anteriores da escola.

Antes desse período, não tenho lembranças, nem de como comecei a contar ou a ler. Lembro-me vagamente de que sempre tentávamos conseguir uma moedinha para comprar bala em um supermercado próximo à casa onde morávamos.

Eu e meu irmão mais novo chegamos a vender jabuticabas que colhíamos de um pé na casa da minha avó, mas, como não tínhamos noção de administração, chamamos todos os nossos amigos e vizinhos para ajudar. Vendemos o pacote por um real, ao final, o valor mal deu para dividir entre nós. Lembro-me de comentar: "Teria sido melhor se tivéssemos chupado as jabuticabas; teríamos saído no lucro."

Outra lembrança que tenho é que meu tio pagava R\$ 1 para lavarmos o carro dele, e eu e meu irmão ainda brigávamos para fazer o serviço. Mas, em defesa do meu tio, naquela época R\$ 1 permitia comprar várias coisinhas; lembro que comprávamos 3 balas por 10 centavos.

Acredito que meu desempenho na escola não era dos melhores. O contato que eu tinha com o estudo se restringia à escola, pois, como minha mãe era solo, se assim posso dizer, trabalhava muito, saindo de madrugada e chegando somente à noite. O apoio dela era meu irmão mais velho, que, por sinal, também trabalhava muito.

Após esse período, creio que, ao terminar o Fundamental I, comecei a desenvolver o gosto pela escrita, iniciando com um diário, algo comum entre as meninas da minha sala. Eu gostava de escrever em códigos, nos quais trocava as letras por símbolos que apenas eu sabia o que significavam, ou talvez uma amiga de confiança.

No diário eu costumava escrever basicamente tudo que considerava importante no meu cotidiano, desde coisas boas até ruins. Escrevia desabafos, poemas e, às vezes, letras de música, que eu ficava cantando constantemente para decorar, muitas vezes em vão.

Logo, ao entrar no Fundamental II, acho que foi quando a matemática começou a fazer sentido para mim. Mas, pensando bem, desde as brincadeiras de escolinha, já era a matéria de que eu mais gostava ou com a qual tinha mais facilidade. Não que eu fosse excelente, mas, dentre as outras, era a que eu mais gostava de aprender. Lembro-me que

cheguei até a passar para a segunda fase das Olimpíadas de Matemática, mas, como não era tão focada nos estudos, parou por aí.

Nos últimos anos do Fundamental II, lembro de ter encontrado um livro de poemas românticos, cujas letras pareciam desenhadas de tão lindas. Meu interesse passou a ser reescrever todos os poemas para que minha letra, que era um desastre, ficasse igual à do livro, e com muito esforço ficou bem parecida.

Durante o ensino médio, as coisas ficaram mais complexas, tanto nos estudos quanto na vida pessoal, então meu objetivo era "passar de ano". No último ano do ensino médio, tudo começou igual aos outros, sem nenhuma animação. Então, por já estar casada precocemente nessa idade, descobri que estava grávida e, com todas as dificuldades de uma gravidez, acabei me afastando ainda mais da escola.

Com o final da gestação, a situação ficou mais complicada, e acabei deixando a escola, o que me deixou muito chateada por saber o quão importante e necessário são os estudos para uma pessoa. No ano seguinte, com muita dificuldade, voltei a estudar em uma sala onde todos eram mais novos, mas, como eu já era mãe e tinha uma mentalidade totalmente diferente, realmente aproveitei tudo o que me era ensinado. Nesse

momento, senti um breve arrependimento por não ter aproveitado todos os outros anos assim.

Meu arrependimento aumentou quando fui estudar para o vestibular para tentar entrar no curso de Matemática da UFVJM, pois, em várias matérias, eu sentia uma dificuldade enorme, precisando voltar ao conteúdo do Fundamental II para conseguir entender a matéria atual. Percebi que teria sido muito mais fácil se eu tivesse dado o devido valor aos estudos na escola.

Com muito esforço, consegui a vaga para o curso de Matemática. Mas surgiu uma nova dificuldade: os textos acadêmicos, as novas matérias e todas as normas às quais eu não estava acostumada.

Após iniciar a faculdade, despertou em mim o desejo de ler, por acreditar que a leitura é a base do conhecimento. Com isso, tento aprender cada vez mais com as leituras. Assim, além do material escolar, leio alguns outros livros, como os de autoconhecimento, investimento e finanças, sendo os romances os meus preferidos.

Acredito que quanto mais lemos, melhor se torna nossa escrita. Ainda sobre meu hobby de ler sobre investimentos e finanças, creio que ele seja decorrente da carência que temos

no nosso ensino regular, onde esses assuntos, que considero de extrema importância para as pessoas, independentemente da classe social ou origem, não são abordados.

Gerir bem sua vida pessoal, financeira e emocional é de suma importância para o bem-estar consigo mesmo e com os que estão ao redor. Assim, início uma nova fase da minha vida, em que ser professora deixou de ser apenas uma brincadeira para se tornar uma realidade.

Minha Infância Escolar

Ana Maria da Silva

Contagem/MG



Imagem gerada por IA em designer.microsoft.com

Recordo, com um sorriso no canto da boca, minha infância e o processo de aprendizado pelo qual passei. Foram anos desafiadores; confesso que só na atual conjuntura pude

perceber isso. Morava em uma pequena comunidade rural, e a escola ficava a uma hora de caminhada exaustiva. Eu não dava conta; chegava cansada e dormia durante as aulas. Acompanhava minha irmã mais velha.

Éramos muito pobres, e o calçado era o velho chinelo feito de pneu. Na época das chuvas, havia um ribeirão a ser atravessado. Sempre aparecia algum adulto para nos guiar e segurar nossas mãos, para que a correnteza forte não nos levasse. Era perigoso, mas, na minha inocência de criança, com apenas seis anos, aquilo parecia uma aventura.

Meu primeiro contato com os livros foi através da literatura de cordel, por meio de minha mãe e das histórias de Lampião. Durante as aulas, em que acompanhava minha irmã, eu era o xodó da professora Altamira, que gritava e batia nos alunos. Eu tinha medo dela, tanto respeito que nem chegava perto, pois o medo era muito grande.

Não me lembro quanto tempo essa aventura de acompanhar minha irmã durante as aulas dela durou, mas me recordo de ir sempre saltitante para a escola com ela. Comecei minha jornada oficial aos nove anos, na primeira série, e minha mãe fez com que meu pai nos levasse para a escola onde iniciei e concluí meus estudos.

Aprendi os números e as letras sem dificuldade. Meu desafio, e claro, o dos abençoados professores, era me fazer ficar quieta; eu falava demais e era “peralta” na sala inteira. Pobres colegas que tinham dificuldade para aprender, eu os deixava “no chinelo”. A professora ficava de “cabelo em pé” com minhas “levadezas”. Em casa, ouvíamos o rádio. Minha mãe não vivia sem a *Rádio Nacional da Amazônia*. Lembro que ouvíamos novelas; era emocionante. O radinho funcionava a pilhas, mas minha mãe nunca ficava sem.

A escola era mais perto; morávamos a uns 25 minutos dela. Era uma criançada indo na mesma direção. Como a pobreza era grande, lembro-me de ter que levar lenha para a escola. Funcionava assim: quando o caderno, o lápis ou a borracha acabavam, a professora nos dava outro, mas era uma troca; tínhamos que levar um “pau de lenha” para as cantineiras cozinharem, já que não havia fogão a gás na época.

O caderno era daqueles de páginas amareladas e precisava ser desmanchado com cuidado, caso contrário, a página rasgava. Meu enorme sonho naqueles dias era um caderno com páginas branquíssimas. Sonhava também em ter uma mochila, pois levávamos o material em uma embalagem de arroz.

Só tive o "luxo" da mochila no quarto ano; era uma belezura, feita de um plástico vermelho. Chapeuzinho Vermelho teria inveja da minha maravilhosa mochila.

A hora do recreio era uma farra sem fim: pega-pega, polícia e ladrão, rouba-bandeira, peteca e, é claro, descer a rampa de grama da escola com um papelão como apoio, estilo *Velozes e Furiosos*.

A merenda, muitas vezes, era escassa. Recordo que a diretoria ia de sala em sala pedindo que levássemos uma batata, uma cenoura ou alguma outra leguminosa. Eu sempre levava chuchu, já que tínhamos um pé em casa que produzia o ano inteiro.

Após concluir o ensino médio, mudei para Belo Horizonte para trabalhar e tentar ingressar na faculdade. Isso aconteceu tardiamente; só consegui iniciar a faculdade aos 35 anos. Levei seis anos para concluir, sendo mãe solo e trabalhando. Foi muito exaustivo. A escrita, sem uma base muito sólida, dificultou a conclusão do temido Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), por se tratar de uma escrita mais técnica, e senti muita dificuldade.

No período do ensino médio, tive uma excelente professora de Literatura, que nos incentivava muito à leitura. Autores

como Machado de Assis, Cecília Meireles e Paulo Coelho marcaram essa fase. O primeiro livro que li, de que não me recordo o autor, contava a história de uma adolescente que vivia com o pai em uma ilha e seus desafios ao frequentar a escola na cidade pela primeira vez.

A faculdade me proporcionou muitas descobertas; tive que aprender coisas novas e desenvolver novas habilidades. Lembro de passar mais de uma hora assistindo a vídeos no YouTube sobre como formatar uma planilha no Excel. Desafios à parte, venci mais essa etapa.

A Leitura Entre as Páginas da Minha Vida

Arlindo Rodrigues Araújo

Januária/MG



Fonte: www.shutterstock.com

Sou mineiro de nascimento. Precisamente, nasci em Januária, no norte de Minas, numa comunidade chamada Grotinha. Vim ao mundo no dia de Nossa Senhora Aparecida e tenho a

certeza de que esse detalhe foi uma proteção divina, pois, segundo relatos dos presentes durante o parto, nasci "morto", já que não chorei e não me mexia. Minha mãe, já desesperada, resolveu seguir os conselhos da parteira, que sugeriu me colocar deitado e, por cima de mim, colocar uma bacia e começar a bater sem parar. Foi aí que ouviram o meu choro. Devo realmente ter me assustado!

A vida na comunidade onde nasci sempre foi muito difícil e o trabalho era árduo. Ajudava minha mãe e meu pai na roça e no serviço de casa: dar comida aos porcos, pisar arroz no pilão, buscar água no rio, pegar lenha, buscar buriti no brejo. Esses eram apenas alguns dos meus trabalhos diários como criança pequena. Você deve estar se perguntando se eu não brincava. Eu digo que sim, e muito! Nadava, corria, subia nas árvores e brincava com meus irmãos de boizinho de jatobá e de perna de pau.

Aos 7 anos ingressei na escola da comunidade, com incentivo dos meus pais. A professora do meu 1º ano de grupo escolar era minha prima, Maria, professora leiga e regente de turma de uma sala multisseriada. A escola funcionava na despensa da casa do Senhor Daniel. Me lembro que nos sentávamos nas esteiras e colocávamos os nossos cadernos nos bancos.

Nesse lugar, aconteceram meus primeiros contatos com as letras e os números. Apesar de não reconhecer sua grafia, já tinha o conhecimento de seus nomes e da sequência numérica. Recordo-me que contar até pelo menos 50 eu já sabia, pois usava esse conhecimento nas brincadeiras, como contar os boizinhos de jatobá no curral. Todos queríamos ser grandes criadores de gado. Na nossa brincadeira, já fazíamos algumas contas, pois vendíamos ou comprávamos bois e vacas uns dos outros. Então, tínhamos noção de somar e diminuir. Mas aprendi as operações mesmo no segundo ano de escola e, nessa época, já estava com 8 anos.

Sobre dinheiro, não tenho lembranças, pois, quando raramente aparecia, era nas mãos dos adultos. No meu caso, por exemplo: minha mãe, costureira, e meu pai, marceneiro, juntavam o pouco que recebiam pelos serviços prestados e iam à cidade uma vez por ano para comprar utensílios e mantimentos que não produzíamos na roça, como sal, querosene e peças de tecido.

A escola, apesar de precária, foi minha porta de acesso para aprender o que não sabia e aprimorar os saberes que já possuía. Como não era comum, naquela época, o acesso a livros, jornais, revistas e até mesmo a papéis com algum texto escrito, tudo o que aprendi, pouco ou muito, foi na escola.

As lições eram cópias da cartilha. Aliás, o único livro que havia na escola era esse, e ninguém podia se atrever a pegá-lo. Era de uso somente da professora, de onde eram retiradas as nossas lições. Conheci os gibis na escola quando a professora trouxe a grande novidade. Qualquer aluno que os estragasse recebia os temidos bolos com a palmatória.

Fui alfabetizado no sistema silábico $B+A = BA$ e não me recordo de nenhuma aula com contação de histórias. A metodologia era repetir as famílias silábicas e copiá-las insistentemente. Sou grato por, mesmo diante de tanta dificuldade, ter concluído nesse grupo a terceira série.

Nessa fase, não tive contato com nenhum livro literário, nem com nenhum texto que tenha ficado guardado nas minhas recordações. O que posso descrever é que meus aprendizados não vieram, em sua maioria, de textos escritos e de autores desconhecidos. No meu mundinho, tive histórias e aprendizados passados através da oralidade. Com as instruções dos outros, aprendi com destreza a selar um cavalo, tirar leite de vaca, fazer queijo, plantar, cuidar e colher as roças, plantar hortas. Para tudo isso, recebi muito incentivo, mas havia a exigência de pais que viviam do que produziam, em uma casa com 8 filhos, enfrentando muitas dificuldades e com pouco conhecimento. Estudar era quase um luxo, e algumas

famílias não permitiam que seus filhos frequentassem a escola, por não verem futuro nela. Para que decifrar letras e números, se onde morávamos todos viviam praticamente sem livros, e essas crianças precisavam aprender a lidar com a terra? Eu e meus irmãos sempre tivemos apoio de nossos pais, mas em muitos dias não tínhamos o que comer. Mesmo assim, eles nos mandavam para a escola. No caminho, colhíamos frutas e comíamos. Na escola já havia merenda naquela época, mas tínhamos que parar com a lição para buscar lenha para seu preparo.

Sempre achei que os estudos na minha comunidade eram bem fracos, mas a professora passava o pouco que sabia para podermos alçar voos maiores. Pelo menos o caminho que levava a esses voos era maior, mais longo e mais tortuoso. Quando terminamos a terceira série do ensino fundamental, fomos matriculados em um grupo maior, em outra comunidade, chamada Várzea Bonita, que ficava a 9 km de distância da minha casa. Eu e meus outros 7 irmãos, além de primos e colegas, andávamos 18 km por dia para darmos continuidade aos estudos. Levávamos na sacola a vontade de nos aprimorarmos mais na leitura e nas quatro operações.

Nesse grupo, tive como professora a Senhora Dalva. Busco na memória um momento de manuseio com livros, com

contação ou leitura de uma história e... nada. Nenhuma lembrança me surge na cabeça. O que ouvíamos eram histórias contadas pelos mais velhos, os ditos causos. Muitas vezes, eram contadas para nos assustar, outras para nos dar exemplos, e muitas delas eram mesmo para nos ensinar sobre a lida do dia a dia.

Nenhuma das escolas em que estudei durante o primário tinha bibliotecas. Naquela época, não eram cobradas produções de texto, apenas tínhamos que produzir frases com palavras dadas. O acesso precário aos livros e outros meios de leitura e escrita me fez, e me faz, muita falta hoje, pois não adquiri o hábito da leitura. Depois de concluir a 4ª série, fui obrigado a desistir dos estudos, porque meus pais não tinham como nos manter na cidade.

Por volta dos 35 anos, me vi forçado a continuar os estudos, e fiz uso do CAED, programa do governo para que pessoas que não puderam frequentar a escola normal pudessem completar o ensino fundamental e médio por meio de provas. Como ficou claro, não tive incentivo à leitura, mas, quando me inscrevi no CAED, percebi a necessidade da leitura, dos números e das operações em minha vida. Adquiri autonomia para estudar para provas, buscava livros na escola onde minha esposa trabalhava como professora para os meus estudos.

Me forcei a ler e ficar inteirado das notícias do Brasil e do mundo, mas, ainda na minha vida adulta, não tinha lido nenhum livro sequer. Durante a realização dessas provas, li minhas primeiras obras literárias. Confesso que, buscando na memória, não me lembro sequer do nome de uma delas, mas tenho a sensação de ter gostado de uma que falava sobre um negro. Sinto falta de tudo que não aprendi, de tudo a que não tive acesso na minha vida escolar e, agora, na minha vida acadêmica, almejo provar sabores e saberes aos quais não fui apresentado.

Contato Com a Leitura e a Contagem

Daniel Xavier da Silva

Espinosa/MG



Fonte: www.br.freepik.com

Ainda na infância me ocorreu o primeiro contato com as letras e os números. Ao adentrar nas séries iniciais do Ensino Fundamental I, fui ensinado pela professora do primário

sobre a escrita, a leitura e a contagem dos números. Em casa, embora com baixo grau de escolaridade, meus pais sempre me incentivavam aos estudos.

Ao passo que se avançava os aprendizados, havia também a progressão e o aperfeiçoamento do conhecimento. Sempre me interessei por todas as áreas de conhecimento: ciências humanas, ciências da natureza e, com uma maior afinidade, nas ciências exatas.

Os aprendizados construídos na escola eram plenamente aplicáveis na vida cotidiana. As leituras, os problemas envolvendo operações matemáticas tudo se associava ao meu dia a dia. Ainda sobre o letramento, meus pais me presenteavam, sempre que possível, com revistas de caça-palavras, palavras-cruzadas e gibis.

Ao iniciar o Ensino Fundamental II, foram apresentados pelos novos educadores novos gêneros textuais diferentes daqueles aos quais eu estava acostumado, foi nessa época que se intensificou a prática de redigir redações. Ler e escrever nunca foram atividades penosas para mim, embora houvesse maior preferências pela área de exatas.

Iniciado o Ensino Médio, aumentou-se o rigor nos estudos, uma vez que estava cada vez mais próximo de finalizar os

estudos, bem como se aproximava da época de se prestar vestibular para ingressar no Ensino Superior.

Consegui ingressar no Ensino Superior aos 18 anos de idade, iniciando os estudos no curso de Ciências Contábeis. Nessa época a prática da leitura se intensificou, posso dizer, que até triplicou. O curso requeria do acadêmico muita leitura e também muita prática na realização de pesquisas acadêmicas. Os gêneros textuais trabalhados eram outros. Havia muitos estudos de artigos científicos e tais textos possuem em sua predominância muitos elementos e dizeres característicos da área de que se estuda, ou seja, na maioria das vezes são utilizados termos extremamente técnicos.

Hoje posso dizer que iniciar o hábito da leitura desde cedo me ajudou demais em todas as fases da minha vida, inclusive a do presente momento. É bem verdade que a prática da leitura e da escrita requerem de todos certo grau de esforço, dedicação e comprometimento. O conhecimento adquirido por meio de livros: literários, científicos, bíblicos e diversos outros, nos possibilita compreender o mundo de outra forma.

Ao atuar na profissão verifica-se ainda que a prática da escrita e da leitura se fazem extremamente necessárias, uma vez que a profissão requer constante atualização de conhecimentos.

Dessa forma, posso afirmar que a leitura e a escrita estiveram presentes em minha vida desde a infância, aperfeiçoando-se a cada fase. Além disso, atualmente, tanto a leitura quanto a escrita são partes integrantes da minha rotina.

A Presença da Educação em Minha Vida

Daniele Mendes Rodrigues Nobre

Montes Claros/MG



Fonte: pxhere.com

A educação na minha vida começou desde cedo. Entrei no jardim de infância (nome dado ao maternal nos dias de hoje) aos três anos de idade. Quando pequena, tive a presença dos meus pais na minha vida escolar, mas, apesar

de ter esse incentivo para os estudos, eu não era uma criança que gostava de estudar.

Meu pai lia jornal todos os dias e sempre que passava alguém vendendo enciclopédias ele comprava. Naquela época, não tinha acesso à internet; as pesquisas eram feitas através dos livros. Frequentava a escola dominical, onde tive a oportunidade de ler sobre várias histórias da Bíblia. Minha mãe, talvez por ser professora, cobrava bastante e me fazia passar os cadernos a limpo, pois minha letra não era das melhores. Ela estava sempre presente na escola; mesmo tendo cinco filhos, cuidava de todos com o mesmo zelo.

Recordo de quando criança, minha mãe contava histórias; uma se chamava “Menina de trança”, que só fui descobrir mais tarde que a história era sobre mim. Ela fazia desenhos para que nós pudéssemos colorir; esses momentos eram sempre à noite, antes de dormir.

Meu pai trabalhava e, quando chegava em casa, revisava a tabuada todos os dias. Ele fazia de tudo para tornar nossas vidas escolares mais divertidas. Lembro-me de que meu pai construiu um grande relógio de madeira para nos ensinar a ver as horas e, sempre que podia, comprava vários quebra-cabeças para nós.

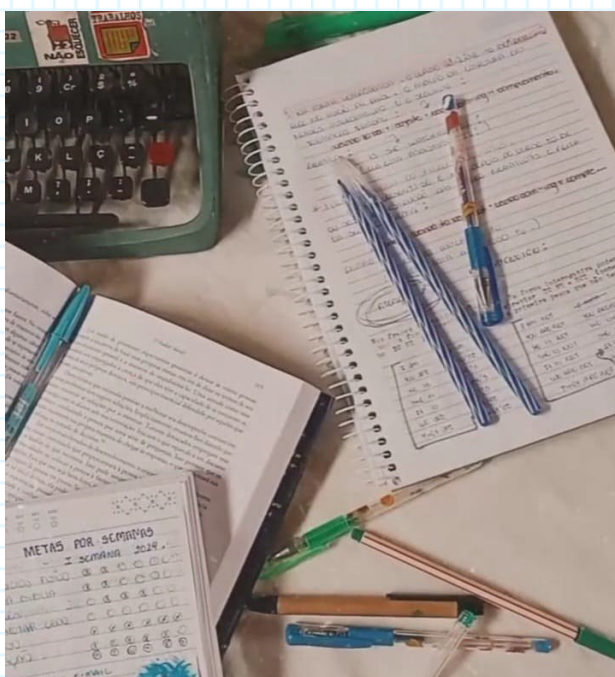
Hoje sou graduada em administração de empresas e quero continuar aprendendo, pois o aprendizado deve ser contínuo. Sigo tentando conciliar as tarefas do dia a dia com o estudo.

Ao recordar meus momentos de infância percebo o quanto a presença dos pais na vida escolar dos filhos traz boas memórias e o quanto é importante este acompanhamento.

Um Livro: Memórias a Contar

Delecy Costa Sardinha

Itamarandiba/MG



Fonte: acervo pessoal da autora

Quando criança, tudo parecia novo e empolgante para mim, especialmente quando se tratava de palavras e números escritos. Em um instante, percebi que cada rabisco no papel

carregava um significado; não era apenas uma decoração. Isso me motivou a buscar mais informações sobre esse assunto que me interessava. Sempre questionava meus pais sobre as coisas que me chamavam a atenção, perguntando: “O que é isso?” ou “Para que serve?”

Minha curiosidade pela leitura começou quando meu primo trouxe alguns livros e revistas infantis; inclusive, lembro que uma delas era da Turma da Mônica. Ficava intrigada com o conteúdo dos livros e, quando minha mãe não podia me contar do que se tratava a história, eu mesma tentava decifrar as palavras, muitas vezes criando minhas próprias histórias com base nas imagens.

Eu tinha cinco anos na época e, embora já tivesse tido contato com a Bíblia e revistas da igreja, minha curiosidade pela leitura ainda não havia despertado. Talvez isso se devesse às letras pequenas ou ao fato de ser algo menos acessível.

Ao longo do tempo, fui me familiarizando com o lápis colorido e o papel para escrever, aprendendo a desenhar e formar letras com a ajuda de minha mãe. No início, parecia uma tarefa difícil e complicada, como um quebra-cabeça confuso que eu não conseguia resolver.

Enquanto brincava com o quebra-cabeça, antes mesmo de tentar, eu já dizia que não conseguiria, chorava e culpava quem estava me ensinando. Mesmo assim, meus pais não desistiram da minha educação; eles queriam me oferecer algo que não tiveram quando eram crianças. Quando completei seis anos, comecei a vida escolar, na chamada fase introdutória daquela época. Minha irmã e eu ficamos tão animadas ao saber que iríamos para a escola que foi motivo de comemoração; mal podíamos esperar!

Meus pais se arrependeram de nos contar com tanta antecedência que iríamos para a escola, especialmente porque ainda faltavam muitos dias para o ano letivo começar. Nós não conseguíamos parar de falar sobre isso nem por um segundo, até que minha mãe disse que só iríamos quando meu pai trouxesse os cadernos e o restante do material. A primeira experiência foi marcante, cheia de novidades que me fizeram não querer sair de lá. Ao voltarmos para casa, estávamos tão ansiosas pelo dia seguinte que mal podíamos esperar para retornar ao ambiente escolar.

Para chegar à escola, precisávamos caminhar uma certa distância até o ponto do transporte escolar, mas isso não me desmotivou a continuar meus estudos. Na sala de aula,

o início das atividades de escrita foi tranquilo, pois eu já conhecia algumas letras, o que facilitou meu desenvolvimento. Ao longo dos dias na instituição, percebi a existência de uma biblioteca repleta de livros, onde era possível emprestar obras para explorar novos conhecimentos e enriquecer nosso repertório linguístico.

Durante os estudos, deparei-me com os desafios dos cálculos matemáticos, que inicialmente me pareceram complexos. No entanto, com o apoio da minha família e dos professores, consegui obter um bom desempenho nas atividades de alfabetização matemática.

A prática da leitura e da escrita foi muito útil para mim, pois me permitiram não depender tanto de lembrar de tudo sozinha, dando-me a oportunidade de escrever sobre temas que não conseguia expressar verbalmente e colocar no papel até mesmo eventos importantes para serem guardados para o futuro.

Aprendi a escrever cartas como forma de expressar sentimentos para pessoas próximas ou distantes. Minha primeira carta foi para meus pais, e desde então, em ocasiões especiais, continuo a escrever para eles, aprimorando meu vocabulário e evitando repetições.

Entre os anos de 2014 e 2015, pude perceber uma variedade de abordagens em textos que exigiam interpretação para responder às perguntas de maneira clara e completa. Essa prática foi positiva, pois, além de aprender novos conteúdos, também contribuiu para o aprimoramento da minha escrita e para uma melhor compreensão do que eu lia ou escrevia.

Durante esse período de 2014 a 2015, desenvolvi habilidades em cálculos com dinheiro, que ainda não dominava. Embora no papel fosse simples, a prática era um pouco demorada, especialmente ao lidar com trocos. Também aprendi a tabuada e fiquei empolgada ao perceber que esse conhecimento é essencial para a matemática e utilizado no dia a dia. No sétimo ano, minha paixão pela matemática cresceu ainda mais. Foi nessa época que comecei a explorar equações complexas cheias de símbolos, o que me deixou completamente encantada pelos números.

Eu sempre buscava desafios matemáticos e me maravilhava ao encontrar respostas para questões inimagináveis. Percebi, então, a importância dos algoritmos, que se mostraram fundamentais tanto nos cálculos quanto na expressão escrita. Dessa forma, compreendi que a

matemática vai além das operações e também nos permite exercitar nossa capacidade de comunicação escrita.

A biblioteca era um lugar frequentado regularmente por mim, especialmente durante as aulas de Educação Física. Sempre encontrava um tempinho para pegar um livro. Quando um determinado conteúdo me chamava a atenção, não conseguia resistir a levá-lo, mesmo que fosse mais extenso.

Na biblioteca havia livros que não despertavam tanto interesse, mas eu os lia mesmo assim, pois muitas vezes eram sugeridos pelos professores. Percebi, naquele momento, a importância de desenvolver narrativas como se eu fosse uma autora.

Sempre tive facilidade em criar imagens na mente, principalmente quando lia; no entanto, encontrava desafios ao tentar colocá-las no papel, muitas vezes repetindo informações de forma diferente no parágrafo seguinte ou perdendo o foco da história.

Durante o ensino médio, tanto nas disciplinas de Língua Portuguesa quanto de Matemática, os temas abordados eram mais variados e complexos, exigindo um maior

raciocínio. Esses novos assuntos visavam nos preparar para avaliações futuras, como o ENEM.

Os textos tornaram-se mais elaborados, principalmente os dissertativos, que eram os mais cobrados, assim como a produção textual, na qual era necessário apresentar argumentos claros e objetivos.

No início do ensino médio, enfrentei dificuldades para elaborar uma introdução adequada; porém, com as orientações da professora e bastante prática, fui melhorando progressivamente. Percebi que os textos não precisavam ser elaborados com palavras complexas; podiam ser simples, desde que transmitissem todas as informações necessárias e fossem claros em relação ao que se queria comunicar.

Ao longo da minha trajetória escolar, sempre valorizei a presença regular, e até mesmo quando não pude ir devido a problemas de transporte, como chuva na roça, me senti muito triste, lamentando como se meus pais fossem responsáveis pela situação.

Até meus últimos dias na escola, participei ativamente, inclusive aos sábados, porque acreditava que os professores poderiam trazer experiências novas e interessantes. Em

diversas ocasiões, isso se confirmou com atividades dinâmicas e inovadoras em disciplinas como Língua Portuguesa e Matemática, o que contribuiu para expandir minha forma de aprendizado.

Atualmente, constato que meu vocabulário está consideravelmente ampliado; no entanto, grande parte desse enriquecimento não foi obtida unicamente por meio da instituição de ensino, uma vez que esta não nos fornece todas as informações que necessitamos.

A escola nos instrui apenas nos conceitos básicos, de modo que frequentemente somos cobrados por conteúdos que não nos foram apresentados. Isso ocorreu diversas vezes porque esses temas foram incluídos nos planos de aula depois de termos saído ou até mesmo foram substituídos por outra temática.

Minhas Memórias Escolares

Edilson José da Costa

Santa Cruz de Salinas/MG



Fonte: acervo pessoal do autor

Eu não tinha muito acesso a textos escritos em casa, pois moro na zona rural desde pequeno, e nem na cidade mais próxima havia esse acesso. Mas, graças a Deus, eu tinha

alguns livros bem antigos que pertenciam aos meus avós. Gostava muito de pegá-los para ler e ver as imagens, que sempre chamavam minha atenção.

Me lembro de que, antes mesmo de frequentar a escola, via meus primos e irmãos fazendo as atividades dos livros que os professores passavam para fazerem em casa. Eu ficava só observando, morrendo de vontade de pegar os livros para ler o que eles estavam copiando, mas, infelizmente, ainda não sabia ler nem escrever.

Me lembro de que pegava o lápis e tentava desenhar, porém o que eu queria mesmo era frequentar a escola para aprender a ler e escrever o quanto antes.

Quando era criança, ganhei uns quebra-cabeças e ficava quase o dia inteiro tentando montá-los; era uma diversão enorme para mim, pois, antigamente, era a coisa mais rara de se ganhar. Esses quebra-cabeças me ajudaram muito no aprendizado e desenvolvimento como criança.

Me lembro também de ter ganhado uns dominós que me ajudaram bastante; aprendi a contar antes mesmo de ir para a escola. Tenho lembranças que usava caroços de feijão e de milho e ficava os contando. Só que eu sabia contar só até

cem; daí para frente, não sabia mais contar. Quando entrei na escola, consegui contar mais de cem.

Comecei a reconhecer o dinheiro só depois que entrei na escola, pois não tinha muito contato com ele, já que venho de uma família humilde, que passava por muitas privações. Só depois que entrei na escola fui tendo os meus primeiros contatos com o dinheiro.

Me lembro que, na escola onde estudava, morava uma mulher pertinho dali que fazia geladinhos para vender, e me dava uma vontade enorme de comprar, mas eu não tinha dinheiro. Quando chegava em casa, eu falava para meus pais que havia essa mulher e, quando sobravam umas moedas, eles me davam para comprar os geladinhos que eu sempre desejava. Assim, fui tendo meus primeiros contatos com o dinheiro e fui aprendendo a reconhecê-lo também.

Me lembro que aprendi a contar usando caroços de feijão antes de ir para a escola. Eu tinha muita vontade de fazer contas, mas não sabia nem por onde começar; só fui aprender mesmo depois que entrei na escola e cada vez mais ao resolver problemas matemáticos.

Desde criança, tenho facilidade com a matemática, mesmo com tantas dificuldades e sem aprender todas as matérias

que queria muito ter aprendido. Porém, os professores nunca passavam a matéria toda; sempre ficava faltando.

A escola onde estudei teve um papel muito importante no meu aprendizado e nos letramentos matemáticos. Tive a grande sorte de ter um professor muito experiente, que, além de ser professor, era um grande amigo.

Minha família não teve esse papel importante no meu aprendizado nos letramentos matemáticos, mas não por culpa deles; meus pais eram analfabetos, e o restante da família não tinha muito estudo naquela época.

Desde os cinco anos de idade, já gostava de ter contato com lápis e canetas. Me recordo que tentava desenhar no caderno e só fazia rabiscos, pois não conseguia desenhar. Antes de entrar na escola, só sabia fazer meu nome e contar até cem.

Minha relação com a escrita nos primeiros anos da escola não foi muito boa. Quando entrei na escola, faltava muito material para os alunos estudarem; eu mesmo tinha que dividir um livro com quatro colegas para poder ler e responder às atividades, pois não havia livros suficientes para todos os alunos. Me lembro de que meu professor me

colocava para ler e escrever bastante, a fim de melhorar minha escrita e leitura.

Depois, surgiu o quadro na minha escola, pois até então não havia. Isso me ajudou muito, pois tornou o processo de aprendizado mais fácil, permitindo que eu melhorasse ainda mais na leitura e na escrita.

Eu gostava muito de escrever e ler poemas, além de contos folclóricos que o professor me pedia para copiar do livro. Além disso, ele pedia que eu perguntasse à minha família sobre algum conto folclórico brasileiro que conhecessem, para que eu o escrevesse no caderno e, posteriormente, lesse para todos os colegas da sala.

O papel da escola nos meus letramentos iniciais foi fundamental, apesar das diversas dificuldades que a instituição enfrentava, como a frequente falta de material.

Mesmo com as dificuldades, a escola sempre se esforçava ao máximo para nos ensinar tudo o que precisávamos aprender. Na época em que comecei a estudar, meu professor morava muito longe e precisava ir a cavalo, já que naquele tempo poucas pessoas tinham acesso a algum meio de transporte.

Eu gostava muito de ler histórias em quadrinhos, lendas do folclore brasileiro e poemas. Quando comecei a estudar, adorava produzir poemas, especialmente aqueles com rimas engraçadas.

Ao mudar de escola, tudo se transformou para mim. Havia mais professores, as matérias eram bem mais difíceis, e, no início, enfrentei muita dificuldade. Minhas notas no primeiro bimestre foram praticamente todas ruins. Apenas a partir do segundo bimestre, as notas começaram a melhorar um pouco, e eu sempre me destacava em matemática, a matéria de que mais gostava.

No ensino médio, tive dificuldades similares, pois foram acrescentados mais matérias e professores. Assim como no ensino fundamental, minhas notas do primeiro bimestre não foram boas. Somente no segundo bimestre, após me adaptar melhor, elas começaram a melhorar.

Na minha primeira escola não havia biblioteca; só fui ter contato com uma biblioteca depois que entrei na segunda escola. Meus professores me pediam para frequentar a biblioteca, e eu aproveitava os horários vagos, ou então a hora do recreio, para ler um livro e fazer uma visita.

Quando estudava na primeira escola, nos anos iniciais, cometia muitos erros de escrita e tinha certa dificuldade para formar frases longas. O pior é que meu professor não chamava a atenção para esses erros que eu cometia naquela época.

Ao mudar de escola, minha escrita e leitura evoluíram bastante, e, a cada ano, eu aprendia mais a escrever e ler corretamente. Hoje, não tenho mais aquelas dificuldades que enfrentava no início dos estudos.

Assim que entrei no ensino médio, precisei mudar muito minha relação com a leitura e a escrita, pois estava prestes a fazer minha primeira redação no ENEM e sabia que os erros precisavam ser mínimos.

Meus problemas com a escrita e leitura se devia ao fato da falta de correção pelos meus professores, o que dificultava bastante o aprendizado correto. Houve várias vezes em que alguns professores erraram ao escrever no quadro e, como resultado, todos os alunos também copiavam errado.

Os números sempre fizeram muito sentido para mim, mesmo antes de entrar na escola. Hoje, utilizo-os em praticamente tudo que faço. Me lembro de quando fazia doces para vender, precisava somar diariamente os gastos e

ganhos para, ao final do mês, calcular se estava lucrando ou não com a venda. Imagine se eu não tivesse facilidade com os números; provavelmente teria que pedir ajuda a alguém para fazer essas contas diariamente.

Entrei na universidade recentemente, então ainda não consegui observar muitas mudanças, pois faz pouco tempo que comecei. Mesmo assim, venho me cobrando diariamente para melhorar cada vez mais minha leitura e escrita, pois sei da responsabilidade que é estudar em uma universidade, onde os erros devem ser evitados.

Um ponto muito positivo é que, a partir de agora, estou me dedicando ao máximo para aprimorar ainda mais minha escrita e leitura, sabendo que, em um futuro próximo, colherei grandes frutos.

Um ponto negativo é a quantidade de material disponível ao mesmo tempo; há muitas atividades para ler e responder, e é preciso estar atento aos prazos de envio. Por isso, sempre procuro responder primeiro as atividades com prazos menores.

Mesmo com algumas dificuldades, estou me esforçando ao máximo para ler e concluir tudo que meus professores solicitam. Quando se trata de atividades avaliativas, gosto

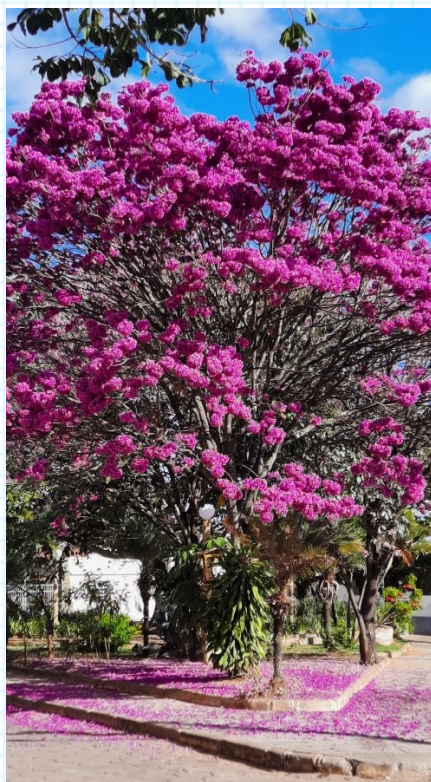
de enviar as respostas antes do prazo final, para não acumular.

No início, estou tendo algumas dificuldades com os textos acadêmicos, mas estou me esforçando para me adaptar rapidamente às novas formas e perspectivas de leitura.

Tenho muito interesse em aprender, aprimorar meus conhecimentos e melhorar significativamente minha escrita e leitura. Após ingressar na faculdade, percebi algo muito importante: o ensino que recebi nas escolas anteriores foi bastante frágil. Por isso, hoje enfrento dificuldades em alguns conteúdos. Os gêneros textuais que mais gosto são o narrativo, o dissertativo e o expositivo.

Neste começo de faculdade, sinto muita falta de conteúdos que meus professores anteriores não abordaram. As matérias de que mais sinto falta são língua portuguesa e matemática.

Administro bem minhas finanças e procuro gastar dentro dos meus limites. No entanto, não foi o ensino médio que me ensinou a lidar com questões financeiras, mas sim meus pais, que, desde cedo, me aconselharam a lidar com a vida de forma responsável.

Vida Estudantil*Flaviana Moreira da Silva**Turmalina/MG*

Fonte: acervo pessoal da autora

Morava em uma comunidade rural com meus familiares (pai, mãe e meus dois irmãos). Era uma grota sombria, longe do barulho da cidade; isso foi há quase 30 anos.

Naquele lugar, tudo era muito difícil. Livros, revistas e jornais eu jamais tinha visto ou pegado, apenas ouvia falar. Tínhamos um rádio a pilha onde ouvíamos “Zé Betio” falar. Ah, que saudade daquele "boa noite" do “Zé Betio” que eu tanto amava escutar!

Comecei a escrever e ler somente a partir dos sete anos, quando comecei a frequentar a escola. Tenho lembranças da escola apenas dos poucos rabiscos que o professor sempre apagava, porque a escrita estava sempre errada. Mas o cheiro do pó da borracha emaranhado ao perfume do professor nunca saiu da minha memória.

Antes dos sete anos, quando iniciei a vida escolar, nunca tinha pegado um lápis, caderno e afins. Como eu era a mais velha dos irmãos e meus pais não liam, infelizmente não havia nada em casa com o qual eu pudesse ter contato com esse tipo de material.

Após completar os sete anos, vieram o medo e a insegurança, mas, ao mesmo tempo, muita alegria, porque iria estudar. Logo, meu pai e eu fomos à procura de materiais escolares para o ano letivo.

No mês de fevereiro, a aula inicia, e um frio na barriga me consome. Eu, uma criança fina (magrela), caminhava 5 km para poder estudar.

No primeiro dia de aula, o professor estava todo contente, enquanto os alunos estavam desconfiados. Logo vejo os numerais, AEIOU e, em seguida, o alfabeto. O que era aquilo que ele falava e mostrava? Entrava em um ouvido e saía pelo outro. Com muita dificuldade, custava sair um A. O professor, sempre muito paciente, estava disposto a auxiliar.

O primeiro ano escolar foi tudo muito difícil, sem acesso a nada (livros, revistas, TV); inclusive, não tínhamos energia elétrica. Como foi difícil! Mas, com a determinação do professor em lecionar com extrema sabedoria, conseguimos concluir o primeiro ano.

Penso que, sem a ajuda da escola e do professor, eu hoje não seria nada. A escola foi e sempre será uma peça fundamental na minha vida de estudante.

Lá no início, quando ainda era criança, não via muito sentido em estudar, ler e escrever. Mas agora, como estudante universitária, sinto muito prazer nos estudos.

Pegar um livro para ler e, em apenas três dias, ter lido tudo foi uma verdadeira virada de chave na minha vida.

A leitura me ajuda muito na concentração e me desvia das redes sociais por longos períodos. Isso me afasta um pouco de estar mais presente com os amigos, mas amo o que faço e faço por amor.

O ensino médio me abriu portas onde jamais imaginei chegar. O ensino médio é o início de um grande sonho: a tão sonhada faculdade. Sinto-me hoje muito feliz e honrada por tudo que estou trilhando. Sigo o caminho do sucesso; o futuro é logo ali.

Memórias e Realizações*Flaviane Barbosa Sena**Rubim/MG*

Fonte: acervo pessoal da autora

Quando criança, antes de frequentar a escola, era comum ver textos em minha casa, pois meus irmãos já frequentavam a escola. Minha mãe tinha um caderno de receitas, um livro de plantas medicinais e alguns livros e

dicionários antigos. Ela sempre lia a Bíblia e frequentava os cultos ou a missa na comunidade aos domingos. Com a escrita, ela fazia lista de alimentos que faltavam para o meu pai trazer do mercado, além de escrever algumas receitas. Eu sempre observava.

Aos cinco anos, comecei a frequentar o pré-escolar com meu irmão, que na época tinha seis anos. Fazíamos cirandinha para ajudar na coordenação motora. No ano seguinte não teve o pré-escolar e eu não tinha idade para entrar no primeiro ano. Sem a escola, fiquei muito triste e sempre reclamava quando os meus irmãos iam pra escola, pois eu não podia mais ir e ficava com minha mãe em casa.

Aos sete anos, ganhei da minha tia Gislene um livro que não me lembro exatamente o nome, mas era algo tipo *O Circo do Palhaço Pipoca*. No início, observava as imagens: um menininho com dois cachorrinhos equilibrando-se em uma bola. Quando aprendi a ler, sempre lia esse livro e gostava muito, mas cresci e não me lembro do seu paradeiro. Já pesquisei na internet tentando encontrar, mas não tive sucesso. Por isso, imagino que o nome esteja errado.

Lembro que meu irmão tinha um quebra-cabeças que, quando nossa mãe permitia, nos reuníamos pra montá-lo. Ouvia músicas através do "toca-discos", que tocava discos

de vinil, e rádio. Todas as noites, o meu pai ligava o rádio pra ouvir *A Voz do Brasil* e, de madrugada, ao acordar, ligava o rádio novamente e estava sempre bem-informado.

Aprendi a contar e a escrever na escola. Tenho lembrança de que a professora havia passado alguns probleminhas pra serem resolvidos, e ela sempre pedia pra irmos ao quadro. Meus colegas "mais velhos" já sabiam resolver e elaborar a resposta. Eu, incentivada ao ver meus colegas, fui fazer igual. Eu sabia fazer a conta, mas não sabia elaborar a resposta como se devia; quando escrevi a minha resposta do problema no quadro, e não tinha nada a ver, todos riram de mim.

Desde pequena, sempre via o meu pai pagar as pessoas pelos serviços prestados na roça, como colheita, capinas etc. Assim, sabia que o dinheiro tinha importância, mas não entendia isso completamente. Quando era pequena, a moeda era o Cruzeiro, e até hoje não entendo muito sobre ela. Quando tinha 11 anos, houve a troca da moeda e, por um tempo, passou pra Cruzado e depois pra Cruzado Novo, voltou a ser Cruzeiro e, só depois, passou a ser Real. Lembro-me também que as pessoas demoraram a compreender o "real valor" do Real.

Durante a minha vida escolar, tive um bom desempenho na escrita, leitura e cálculos. Não era a melhor aluna da classe, mas não era aquela com maiores dificuldades. Sabia da importância de me dedicar aos estudos, pois sempre ouvia meus pais e professores me incentivando. A família foi fundamental no incentivo, cuidado e apoio, pois minha mãe tinha o cuidado de fazer o almoço mais cedo, quando eu estudava à tarde, ou se levantar bem cedinho pra preparar o café, quando eu estudava pela manhã. A nossa roupa sempre estava limpinha pra irmos pra escola, mesmo que fosse sempre a mesma roupinha. Lembro-me que alguns dos meus colegas não deram sequência aos estudos por falta de apoio e cuidado dos pais.

Mudei de escola quando estava na terceira série e, na nova escola, tinha biblioteca, mas eu era muito tímida e não me atrevi a conhecê-la. Na quinta série, mudei pra outra escola, onde permaneci até o ensino médio. Com o tempo, fiz amizades e, a partir daí, comecei a ir à biblioteca da escola e pegar livros pra ler aleatoriamente. Outros, a professora de literatura indicava. Mas não tinha muito tempo pra leitura, pois tinha que ajudar meus pais com as tarefas na roça.

Quando cursava o ensino médio, ouvia sempre os professores e colegas falando em fazer vestibular. Então, eu ficava imaginando terminar o ensino médio pra fazer um curso superior; queria muito ter uma formação. Ao concluir o ensino médio, não consegui ingressar na faculdade imediatamente. Tentei o vestibular e fiz o Enem, mas não consegui naquela época, devido à distância e às condições financeiras, apesar do meu desejo. Apenas seis anos depois surgiu a oportunidade. Então, cursei Licenciatura em Biologia pela FTC EaD. Tive várias dificuldades, mas foi muito gratificante concluir o curso. Atualmente, estou cursando uma pós-graduação pelo IFES; falta apenas concluir o Trabalho Final de Curso. E recentemente ingressei no curso de Química pela UFVJM. São muitos os obstáculos; é preciso muita dedicação, organização e esforço pra conseguir estudar e fazer as leituras necessárias.

Procuro incentivar meus filhos na leitura e na escrita, pois sei da importância delas em nossas vidas. Meu filho, hoje com 20 anos, está cursando o segundo período do curso de Direito, e minha filha, com 13 anos e no Ensino Fundamental II, escreveu seu próprio livro com o incentivo da professora de português e da escola, e está trabalhando no segundo. É muito gratificante estar vivendo tudo isso.

Minha História Como Estudante

Ione Pereira Coelho Marques

Grão Mongol/MG



Fonte: acervo pessoal da autora

Olá! Meu nome é Ione Pereira Coelho Marques, e moro na cidade de Grão Mogol. Sempre fui estudante de escola pública, e meu primeiro contato com a escrita foi aos seis anos de idade, na primeira série, como era chamada na

época. Sempre fui uma criança que gostava muito de ir à escola e de estudar. Quando era pequena, eu contava os dias para começar as aulas.

Desde a infância, no momento em que iniciei os estudos, sempre tive dificuldades para ir à escola, pois morava na zona rural e, na época, não havia transporte escolar. Então, eu ia a pé para a escola, mas isso não fez com que eu desistisse dos estudos, pois sempre fui uma criança dedicada.

Quando criança, sempre gostei de ler contos de fadas, histórias em quadrinhos, entre outros gêneros. Isso serviu como incentivo para que eu começasse a aprender a ler. O período da escola foi a melhor parte da minha infância e adolescência.

Comecei a estudar na quinta série, e a partir desse período surgiram dificuldades para mim, pois tínhamos vários obstáculos para chegar à escola, enfrentávamos horas de viagem em um ônibus, chuvas, temporais e vários outros contratempos.

Isso, porém, não me fez desistir dos estudos, pois eles são essenciais para o desenvolvimento de qualquer pessoa. A alfabetização abre portas e permite que uma pessoa

conquiste o mundo ao seu redor. A leitura e a escrita são processos fundamentais de aprendizado.

Foi por meio dos livros, como Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve e A Bela Adormecida, que me encantei pelos contos de fadas. Eu imaginava como seriam fascinantes essas histórias e os quadrinhos.

Aprendi a ler e a escrever com a ajuda de meu professor, que segurava minha mão e me ensinava as letras do alfabeto, as vogais, as consoantes, e o método silábico de alfabetização. Com o passar do tempo, ingressei no Ensino Médio, onde havia muitos professores, matérias diferentes e horários variados. No início, estranhei essa nova rotina, mas logo me acostumei.

As aulas tinham 50 minutos de duração, e, no começo, tive dificuldades, principalmente por não estar habituada a escrever tanto em um único dia. Porém, com o tempo, me adaptei e passei a gostar cada vez mais do ambiente escolar, mesmo sendo uma escola pública, com turmas lotadas de mais de 50 alunos.

Minha matéria preferida sempre foi História, e eu me destacava nessa disciplina, obtendo notas excelentes. Embora as outras matérias também fossem interessantes,

tive dificuldades em Matemática e Química, pois os professores não explicavam bem e não revisavam o conteúdo adequadamente. Pareciam dar mais atenção apenas a alguns alunos.

Apesar de vários desafios, consegui tirar boas notas em todos os bimestres do Ensino Médio e nunca pensei em desistir dos estudos. Escolhi cursar Matemática na faculdade por minha vontade de aprender e pela crença de que a educação é a chave para transformar o mundo. A educação tem o poder de mudar vidas.

História da Minha Vida: Memórias e Lembranças*Isaias Teixeira dos Santos**Salinas/MG*

Fonte: acervo pessoal do autor

Para contar a minha história, alguns momentos precisam ser destacados. Sempre fui e continuo sendo uma pessoa muito feliz, e todos os ensinamentos que recebi ao longo da minha jornada me moldaram ao que sou hoje. Me

lembro dos livros e histórias em quadrinhos que eu lia. Venho de uma família simples e humilde. Não comprávamos muitos livros, mas sempre tive acesso a eles através da escola.

Quando criança, frequentava muito a feira da cidade, que reunia pessoas do município e da região. Alguns iam à feira para comprar verduras, frutas e carnes, enquanto outros frequentavam os bancos, lotéricas e lojas, onde havia panfletos, jornais ou revistas.

Na feira eu observava as pessoas lendo, escrevendo ou manuseando esses papéis e documentos, sempre curioso para saber o que estava escrito.

Ainda criança e adolescente, ganhei diversos gibis, quebra-cabeças e livros. Eu adorava, pois isso despertava minha curiosidade sobre o que estava escrito. Não me lembro da primeira vez que ganhei algo assim.

Lembro-me de uma ocasião em que fui à feira pela manhã e fiquei próximo a uma banca de revistas e jornais. O senhor que vendia ali percebeu meu interesse em uma revista em quadrinhos (gibi) e acabou me presenteando com ela. Saí rapidamente daquele lugar para ir a uma praça próxima e começar a ler. Foi um dia muito feliz. A gentileza daquele

senhor, junto ao fato de que eu queria muito ler aquela revista, tornou o momento inesquecível.

Na feira, também compreendi outras coisas. Minha mãe sempre me levava, e por isso aprendi a fazer contas simples, como dar troco e calcular o preço de frutas, verduras e carnes.

Quando comecei a frequentar a escola, já tinha uma noção básica de números, o que facilitou meu aprendizado. O contato com o dinheiro me ajudou a entender valores e trocas, sendo essa uma das primeiras formas de interação que tive com contas e números.

Na escola, aprendi rapidamente a somar e subtrair, pois minha mãe já havia me ensinado um pouco, a professora reforçou o conteúdo. Eu sempre fui uma criança ativa e curiosa, com facilidade para assimilar contas, palavras e conteúdos.

Eu era muito brincalhão; isso, às vezes, atrapalhava meu próprio aprendizado, o que me causou certa dificuldade em resolver problemas matemáticos. Mas, com o tempo e dedicação, superei esses obstáculos.

A influência na escola e na minha família foi importante nos meus primeiros passos, no aprendizado de matemática, contribuindo significativamente para meu progresso. Graças a esses dois pilares, consegui aprimorar minhas habilidades cognitivas, emocionais, sociais e culturais, o que foi fundamental para meu crescimento pessoal.

Antes mesmo de começar a jornada escolar, já sabia escrever meu nome, algo que minha mãe me ensinou. Minha letra não era das melhores, mas eu conhecia algumas letras do alfabeto. Não lembro quantos anos eu tinha na época que aprendi a escrever meu nome, mas foi uma experiência maravilhosa, por estar junto da minha mãe.

Nos primeiros anos escolares, a escrita foi um caminho cheio de descobertas. A prática começou com o domínio do alfabeto e evoluiu para a formação de palavras básicas. O entusiasmo e a dedicação da professora foram essenciais para o desenvolvimento da minha habilidade de escrever. Ela, junto com minha família, me deu o apoio necessário para desenvolver confiança.

Lembro de escrever textos com base em canções que conhecíamos, como “A canoa virou”, “O sapo não lava o pé”, “Se essa rua fosse minha” e “O cravo brigou com a

rosa”, entre outras. Eram canções que adorávamos e que a professora nos ensinava.

Minha relação com a escrita nos primeiros anos escolares foi fascinante, pois descobri muitas novas palavras, letras e números. A escola desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da minha coordenação motora e na construção de uma base sólida para minha alfabetização, além de despertar em mim o prazer pela leitura e pela escrita.

Durante o Ensino Fundamental I, um dos livros que mais me marcou foi Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque, com ilustrações vibrantes de Ziraldo. O livro conta a história de uma garotinha que supera seus medos, e a narrativa descreve como ela, que no início temia tudo, inclusive o Lobo, termina a história enfrentando seus medos com coragem. Esse livro encantador me marcou profundamente.

No Ensino Fundamental II, tive a oportunidade de ler diversos textos igualmente simples e cativantes. Um dos livros que me marcou foi O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry. A obra aborda temas como amizade,

amor, solidão e a busca pelo verdadeiro significado da vida. A leitura desse clássico me emocionou muito.

No Ensino Médio, li uma versão adaptada de *Os Miseráveis*, de Victor Hugo. Esta obra aborda questões de justiça, misericórdia e as desigualdades sociais na França, centrada na trajetória de Jean Valjean. A profundidade da crítica social e humana desse livro me impactou, especialmente ao mostrar as injustiças enfrentadas pelas classes mais pobres. Essa leitura, assim como outras, teve grande influência em minha formação cultural e social.

Ao longo dos anos, percebi meu amadurecimento na leitura e na escrita. A prática constante desses hábitos foi essencial para meu desenvolvimento intelectual. Minha curiosidade pessoal sempre me motivou a entender melhor o mundo à minha volta, tanto nas dimensões sociais quanto culturais e econômicas.

Durante a universidade, meu hábito de leitura se intensificou. Embora tenha encontrado dificuldades no início com textos acadêmicos, hoje me sinto mais confortável, especialmente ao ler sobre movimentos sociais, Educação do Campo e políticas públicas educacionais.

Sinto falta de conteúdos mais práticos de língua e matemática, principalmente em relação aos desafios econômicos e burocráticos que envolvem números e letras, como a declaração de imposto de renda e o entendimento de movimentações bancárias. Para superar essas lacunas, busquei cursos que me ajudaram nessas questões.

Meu Caderno do Menino Maluquinho*Kênia Lopes Almeida**Turmalina/MG*

Fonte: acervo pessoal da autora

Vivemos em um mundo onde a correria do dia a dia nos leva a terceirizar algumas atividades rotineiras, e isso também se aplica ao acompanhamento de nossas crianças em tarefas simples. Na minha família não foi, e não é,

diferente. Tenho 36 anos e venho de uma família humilde, com pouco conhecimento escolar. Sou filha de um pintor e de uma copeira, ambos com o ensino fundamental. Em casa, não havia muita didática de leitura; o máximo que eu tinha à disposição era um caderno e um lápis para rabiscar, o que, por sinal, era muito divertido.

Minha vivência na creche começou aos 6 meses de idade, no ano de 1988, em Belo Horizonte – MG, na Creche Comunitária Vila Piratininga, que foi o braço direito dos meus pais na minha educação e alfabetização. Lá, eu passava a maior parte do meu dia, na verdade, o dia todo. A creche me proporcionou meu primeiro contato com livros de historinhas infantis, cantigas de roda e brincadeiras. Sempre havia releituras de histórias, de várias formas, até mesmo com fantoches e teatros. A brinquedoteca era o melhor momento; lá, havia brinquedos educativos e livros, onde podíamos ser "livres" para escolher e expressar o que desejássemos.

As atividades em sala de aula envolviam trabalhinhos feitos com tintas, feijões, retalhos e bolinhas de papel crepom. Usávamos muita criatividade, papel e cola, mas o tão sonhado caderno ainda não fazia parte da rotina. As cuidadoras da creche eram muito carinhosas, e foi nesse

ambiente de cuidado que eu cresci, criando vínculos, memórias afetivas e momentos importantes para a minha vida pessoal, educacional e profissional. Foi nesse ambiente que iniciei minha escrita. Na creche, antes mesmo do "prezinho" (pré-escolar), fui apresentada às primeiras letras, especialmente o "K", com o qual se inicia meu nome, que foi, inclusive, bem difícil de aprender.

Em 1993, na mesma creche, iniciei o prezinho e chegou o grande momento de receber meu primeiro caderno, doado pela instituição. Era um caderno brochura com a capa do Menino Maluquinho. Eu não o levava para casa, mas agora as atividades não eram mais feitas em folhas avulsas, e sim no meu caderno, que meu pai fez questão de guardar e que tenho até hoje.

Os desafios agora eram novos. Eu precisava aprender a escrever meu nome completo até o final do ano para assinar meu primeiro diploma. Comecei a aprender o alfabeto completo e os números. Ah, os números! Eles conquistaram meu coração desde o início, com as continhas básicas. O prezinho foi um período muito marcante para mim. A professora Elaine era muito paciente, e pude aprender bastante com ela durante todo o ano. Considero

que tive um bom preparo para ingressar no Ensino Fundamental. Fiz amizades que perduram até hoje.

No final do ano do prezinho, recebi o tão sonhado diploma da Branca de Neve, que também tenho até hoje. No entanto, guardo certo ressentimento porque a secretaria insistiu para que eu acrescentasse o "de" ao meu sobrenome, e assim assinei o diploma de forma errada. Por outro lado, tenho uma linda lembrança da minha formatura e do desejo de frequentar a escola.

O ano era 1994: uniforme novo, escola nova. Agora, além de um caderno, eu tinha uma mochila, uma bolsinha e até uma lancheira. Quanta novidade! Ingressei na Escola Estadual Carmo Giffonni e fui acolhida pela professora Bernadete, uma mulher evangélica, muito carismática, mas rígida em suas cobranças.

Nesse período, comecei a gostar mais de matemática; o português nunca foi meu forte. Eu chegava em casa e, por diversão, escrevia os números até onde conseguia. Fazia competições com minhas primas, enchendo folhas e folhas com números. Quando o assunto era a escrita, eu precisava melhorar minha letra. Na tentativa de ajudar, meus pais

compraram um caderno de caligrafia, mas foi em vão, pois minha letra continua um desastre.

A primeira série me trouxe experiências que, até hoje, ao lembrar, me remetem às emoções daquela época. Posso citar o tão temido “ditado”, que, quando anunciado pela professora, me fazia tremer e quase chorar, pois eu sabia que a escrita era meu ponto fraco. Porém, eu sentia uma alegria imensa quando a professora nos pedia para estudar a tabuada.

Na escola em que estudava, só passava de ano quem fizesse uma boa leitura na secretaria. Apesar de minha escrita não ser das melhores, minha leitura sempre foi considerada boa, e minhas notas também eram boas. Assim, passar de ano nunca foi difícil para mim. Durante quatro anos, estive na mesma escola, estudando de manhã e frequentando a creche à tarde, onde havia apoio para as tarefas de casa e outras atividades para reforçar o aprendizado.

As séries iniciais me proporcionaram uma base escolar muito rica. Lembro-me das pesquisas feitas em bibliotecas, das reuniões com colegas para montar cartazes que seriam apresentados em sala de aula e dos trabalhos escritos, que geralmente eram feitos com a enciclopédia da Barsa.

Com o fim da quarta série (atual quinto ano), uma nova mudança se aproximava: o ingresso na quinta série, em outra escola, com mais disciplinas e mais professores. Nesse período, também fui informada de que teria que deixar a creche, pois não havia mais verba para manter os alunos até os 18 anos, como antes. Isso me abalou bastante, pois a creche havia sido meu apoio durante toda a minha vida escolar.

A escola em que comecei a quinta série não era a melhor da região, e não tenho muitas lembranças desse período, pois minha família se mudou para Montes Claros – MG, onde concluí a quinta série. Devido à mudança, foi um ano em que, apesar de tirar boas notas e ser aprovada para a sexta série, não adquiri muito conhecimento.

Ao retornar para Belo Horizonte – MG, fui matriculada em outra escola, onde cursei a sexta e a sétima séries. Reencontrei colegas da creche e conheci o professor de matemática, Ercílio, que foi mais um dos responsáveis por me apaixonar pela matéria. Era encantador como ele apresentava os conteúdos e fazia com que toda a turma os absorvesse.

Com o Ensino Fundamental concluído, ingressei no Ensino Médio. A imaturidade da adolescência fez com que

eu não me preocupasse tanto em aprender, e sim em apenas passar de ano. Embora eu tenha tido boas notas e um bom desempenho, não considero que tenha absorvido muito conteúdo, especialmente em matérias como química, biologia e física.

O último ano do Ensino Médio foi um período muito difícil, em que tive que lidar com a depressão. Cheguei a um ponto crítico, ficando de cama, sem conseguir tomar banho e até tentando contra minha própria vida. Em meio a esse caos da depressão, consegui concluir os estudos, mas me vi sem rumo e sem expectativas. Diante da situação, meus pais sugeriram que eu fosse morar em Montes Claros – MG para tentar o vestibular.

Ao me mudar, comecei a fazer cursinho e me deparei com a decisão mais difícil: qual curso escolher? Após muitas pesquisas, decidi tentar o vestibular para Economia e Administração na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), mas não passei.

Isso me desmotivou, mas resolvi tentar novamente, e a vitória veio; fui aprovada em Economia, com 17 anos, para ingressar no início de 2007. A aprovação significava muito para mim e para minha família, pois eu seria a primeira da

família da minha mãe a entrar em uma faculdade, o que era um peso imensurável.

O ingresso na faculdade, além de me tirar da depressão, ampliou meus horizontes de conhecimento. Aprendi a estudar com seriedade e a desenvolver leituras críticas. Tive a oportunidade de participar da iniciação científica, o que ampliou ainda mais minha compreensão de textos acadêmicos e me permitiu publicar artigos.

Formei-me em Economia em 2010, aos 21 anos, e entrei no mercado de trabalho, embora não diretamente na minha área. Há dois anos, aos 34 anos, tornei-me mãe de gêmeos e tenho um enteado de 9 anos, o que me demanda muito tempo.

Afastei-me do mercado de trabalho e atualmente estou cursando Matemática pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), buscando me reencontrar, pois estudar é algo que me satisfaz e me faz sentir viva.

Hoje, ao olhar para o meu caderno do Menino Maluquinho, vejo que ali foi apenas o começo, um começo que não precisa ter fim enquanto eu existir.

Minha História, com os Livros e com os Números

Liliane Lopes Barroso

Senador Modestino Gonçalves/MG



Imagem gerada por IA em designer.microsoft.com

Eu nasci e cresci em uma comunidade rural. Sempre gostei de ler e estudar, mas o acesso a livros e textos escritos era muito limitado. Livros eram raros e caros, e a maioria das pessoas era analfabeta.

Na zona rural as informações eram transmitidas oralmente, através de histórias, lendas e canções contadas e cantadas

pelos moradores da comunidade. Só tive acesso à internet já na adolescência e lia livros na biblioteca da escola onde estudava.

O contato com a leitura na minha infância era restrito à escola, onde os livros didáticos e algumas coleções da biblioteca eram as principais fontes de leitura. Apesar do acesso limitado a livros, revistas e gibis, tive uma professora de português que sempre me incentivava a ler e frequentemente me emprestava livros. Eu os levava para casa, lia e depois devolvia.

Embora meu pai fosse analfabeto, ele sempre foi excelente com as contas e nos dizia que, para ser alguém, era essencial saber fazer cálculos. Ficava impressionada com o fato de ele conhecer tão bem os números, mesmo assinando mal o próprio nome. Com ele, tive meus primeiros contatos com números; aprendi a contar nos dedos e a entender o valor das coisas, como comprar e pagar.

Quando entrei na escola, ainda nos anos iniciais, não tive muita dificuldade com números. Sempre me dei bem com adição e subtração, mas, com o tempo, as contas se tornaram mais complexas.

A escola oferece um ambiente social rico, onde as crianças podem discutir ideias, colaborar com os colegas e aprender umas com as outras. Pais e familiares servem como modelos, mostrando como a matemática está presente em diversas situações do dia a dia.

Comecei a frequentar a escola aos sete anos de idade, pois não havia creche onde eu morava e, como meu aniversário é em julho, só pude entrar na escola nessa idade. Aprendi as primeiras letras com minha primeira professora, a Sra. Lúcia, de quem gostava muito.

Lembro que os textos de que mais gostava eram as fábulas, mas éramos pouco incentivados a escrever. Mesmo assim, a escola teve um papel essencial no meu letramento.

No Ensino Fundamental, ainda na escola da zona rural, as fábulas sempre me chamavam a atenção, especialmente aquelas com personagens animais que deixavam uma moral ou lição de vida. Um livro que nunca esquecerei é "A Formiguinha e a Neve", que ensinava que "não adianta pedir nada aos vivos se não houver moeda de troca".

No Ensino Fundamental II, já em outra escola, em Itamarandiba, tive mais acesso a livros, pois havia uma biblioteca com mais opções. Lá, éramos mais incentivados

a ler. Lembro-me de que os professores nos davam tarefas para levar um livro para casa, ler e fazer um resumo. Também íamos à Biblioteca Municipal para fazer trabalhos em grupo, já que não tínhamos acesso à internet.

No Ensino Médio, na mesma escola, uma coleção de livros que me marcou foi "Crepúsculo". Li toda a série e me perdi na história.

Inicialmente, a leitura e a escrita eram atividades obrigatórias na escola. Com o tempo, descobri o prazer de me perder em uma boa história e de aprender coisas novas através dos livros.

Minha relação com a leitura, a escrita e a matemática evoluíram ao longo do tempo, influenciada por diversos fatores, como a escola, a família, as experiências de vida e os interesses pessoais. A escola desempenhou um papel fundamental na minha formação, mas minha relação com o conhecimento também foi moldada por fatores externos ao ambiente escolar.

Acredito que poderia ter aprendido mais sobre conteúdos matemáticos na escola básica, e isso será um grande desafio

para mim. No entanto, sempre tive a vontade de me aprofundar e conhecer melhor esse universo.

A faculdade tem me desafiado a pensar de forma mais crítica e a me tornar uma leitora e escritora mais competente. Estou aprendendo a pesquisar, analisar informações e expressar minhas ideias. A carga de leitura é bem maior e exige mais tempo e dedicação. Às vezes, sinto dificuldade em encontrar tempo para tudo o que preciso ler e escrever.

Apesar de todos os desafios e limitações que enfrentei ao longo da minha trajetória, minha persistência e dedicação me permitiram superar obstáculos e aprender cada vez mais. A leitura, a escrita e os números se tornaram parte essencial da minha vida, moldando minha forma de pensar e agir.

A busca pelo conhecimento e pela superação de limites é uma jornada constante, que me motiva a seguir em frente e continuar aprendendo, sempre em busca de novos desafios e horizontes.

As Letras Que Não Entendi

Márcio Fernandes Rodrigues Júnior

Águas Formosas/MG



Imagem gerada por IA em designer.microsoft.com

Desde pequeno, o mundo ao meu redor parecia um mistério vasto e impenetrável. Me lembro bem dos meus primeiros encontros com as letras, mas o entendimento sempre estava fora do meu alcance.

Quando criança, era comum ver bulas de medicamentos espalhadas pela casa, especialmente as da dipirona que minha mãe usava para nossas febres e as dores de cabeça

do meu irmão. Eu as observava com curiosidade e frustração, sabendo que havia algo importante ali, mas as palavras pareciam um emaranhado de símbolos sem sentido, pois ainda não sabia ler.

Uma lembrança clara dessa época é a do meu irmão mais velho, sentado à mesa da cozinha com seus cadernos da escolinha. Ele parecia sempre tão imerso nas atividades, desenhando letras e formando palavras que eu não conseguia reconhecer ou decifrar. Observava-o com uma espécie de admiração silenciosa, desejando entender o que ele fazia. As letras eram como uma chave para um mundo que eu ainda não conseguia acessar.

Era tudo um grande mistério. A cada vez que via meu irmão fazendo suas atividades, sentia um anseio crescente dentro de mim para entender aquele código secreto que ele dominava. As letras pareciam dançar de forma confusa e evasiva, como se estivessem escondendo algo que eu estava desesperado para descobrir, e ao mesmo tempo me pareciam apenas um monte de rabiscos, círculos, espaços e números.

Essa sensação de impotência, no entanto, não me desmotivou. Pelo contrário, aumentou ainda mais meu desejo de aprender. Cada escrita que eu observava se

tornava uma peça de um quebra-cabeça que eu precisava resolver.

A verdadeira virada aconteceu na pré-escola, quando tive minha primeira experiência prática com as letras e números. Com a ajuda da minha professora, usei o teclado do computador da escola e, pela primeira vez, consegui formar uma palavra. Essa palavra era o meu nome. Foi uma conquista grandiosa para mim, não apenas porque estava formando letras, mas porque estava criando algo com elas, algo que me pertencia.

A partir daí, entrei em uma fase de exploração e criação. Comecei a formar palavras com a ajuda da minha mãe, da professora e do meu irmão, desenhando letras com um entusiasmo renovado. No entanto, essa etapa trouxe novos desafios.

A maior dificuldade foi aprender a segurar o lápis corretamente. Minha coordenação motora, ainda em desenvolvimento, tornava essa tarefa bastante difícil. As letras que eu desenhava saíam tortas e desajeitadas, mas a frustração só me fazia tentar mais.

Minha mãe desempenhou um papel fundamental nesse processo. Em casa, ela me ajudou a aprender a segurar o

lápis corretamente, com paciência e orientação. Essa prática constante, tanto em casa quanto na escola, foi necessária para aperfeiçoar minha caligrafia.

No entanto, havia um desafio adicional: enquanto eu me concentrava em melhorar minha escrita, também estava aprendendo a ler simultaneamente. Não me lembro se eu estava aprendendo cálculos nessa época, pois não tenho recordações claras disso.

A leitura, no início, era um campo particularmente complexo. Dividir sílabas, memorizar as letras do alfabeto, distinguir vogais de consoantes, tudo parecia um labirinto de dificuldades. Cada pequena tarefa exigia um esforço gigantesco.

A complexidade da leitura muitas vezes me fazia sentir como se eu estivesse lutando contra um mar de letras e sons que nunca se acalmava. Às vezes, eu não conseguia me concentrar e acabava fingindo que estava lendo e entendendo. Mas, pouco a pouco, o processo foi se tornando mais fácil. Logo, eu estava lendo tudo o que via na rua: placas, nomes de carros e motos. Em casa, lia os rodapés das notícias de jornal na TV, as caixas de medicamentos e as capas dos filmes que tínhamos.

A capacidade de ler o que estava ao meu redor trouxe uma nova dimensão ao meu cotidiano. Cada palavra, frase e título se tornava uma nova descoberta, uma pequena vitória na minha jornada de aprendizado.

Quando entrei no Ensino Fundamental, me senti confiante de que sabia ler. No entanto, essa confiança rapidamente foi substituída por novos desafios. Acentuar palavras e colocar pontuação nas frases pareciam tarefas ainda mais complicadas.

Eu tinha muita dificuldade em lembrar de algumas letras. Os acentos e as regras de pontuação, que eu pensava serem simples, se tornaram uma atividade chata e complexa. Cada texto parecia uma nova batalha, e a complexidade das regras gramaticais me fazia sentir como se estivesse começando tudo de novo.

Um momento particularmente marcante foi quando participei de um programa de incentivo à leitura e escrita na escola. Embora não me lembre do nome exato, recordo como funcionava: toda semana, um aluno era sorteado para levar um livro para casa, ler e fazer um resumo dos principais pontos das histórias, que eram contos infantis.

Junto com o livro, havia um caderno para registrar o resumo e um boneco de pano que acompanhava o livro de aluno para aluno, semana após semana. Um dos livros que li e resumi foi "A Raposa e as Uvas". Esse programa foi uma forma divertida e envolvente de praticar minha leitura e escrita, e cada resumo feito era uma vitória especial.

A educação foi extremamente fundamental na minha vida. O conhecimento que obtive vale ouro, e, embora eu não consiga agradecer a todos os meus professores pessoalmente, sou imensamente grato. A cobrança, os "sermões" dos professores sobre ser responsável com as atividades, tudo isso foi fundamental para o meu desenvolvimento. Graças a eles, à minha mãe e ao meu irmão, estou aqui, cursando o Ensino Superior.

Para quem estiver lendo este texto, deixo um conselho: se você tiver a mesma oportunidade, através do seu esforço, não desista no meio do caminho. Boa sorte a você que está estudando na UFVJM. Eu acredito em você!

Esses momentos de dificuldade e conquista moldaram meu desenvolvimento. As letras, que antes me pareciam confusas e inatingíveis, começaram a ganhar forma e significado. A jornada de aprender a ler e escrever, com

todos os desafios e triunfos, tornou-se uma das maiores aventuras da minha vida.

Esses primeiros passos me ensinaram que a perseverança e a curiosidade podem transformar qualquer dificuldade em uma oportunidade de crescimento. E, assim, as letras que antes eram um mistério se tornaram ferramentas com as quais posso explorar novas ideias e histórias.

Influência do Letramento na Matemática

Maria da Conceição Braz

Senador Modestino Gonçalves/MG



Fonte: arquivo pessoal da autora

A convivência com a matemática, através do contexto das letras, só começou após minha entrada no primário. As condições eram limitadas, e o aprendizado se restringia

quase exclusivamente ao ambiente escolar e aos materiais provenientes dele, como livros e revistas. A lembrança exata do início dessa convivência não é clara, mas o gosto pelos números é inconfundível. Minhas maiores notas e o empenho que mais se destacava eram sempre nas disciplinas de exatas!

Em casa, após aprender e absorver o conteúdo escolar, eu o aplicava nas coisas mais simples, como contar as laranjas, as dúzias de ovos, as galinhas no terreiro, e conferir o troco para minha mãe, entre outras tarefas. É importante ressaltar que, naquela época, principalmente na zona rural, a vida era muito mais difícil. Ter pais letrados era raro, e poder frequentar a escola era uma dádiva, já que essa oportunidade não estava disponível para a geração anterior.

A matemática vai além, muito além do ambiente escolar. Um exemplo disso é a venda de animais por peso, como o quilo ou arroba, entre outras formas de medição. As tarefas no meio rural exigem bastante conhecimento matemático: a proporção correta de fertilizante, a distância entre as covas de milho ou qualquer outra plantação, a quantidade exata de sementes a ser plantada, o tempo necessário para capina e colheita. Assim, a matemática sempre esteve

presente em nossas vidas, mesmo que de forma inconsciente.

Pensando de uma maneira mais ampla, a escola exerce um papel fundamental como norteadora do aprendizado. Não faltavam esforços para incentivar o estudo, desde o Pré-escolar, com letras e frases curtas, até o Ensino Fundamental, com histórias em quadrinhos e poesias, e o Ensino Médio, com dissertações preparatórias para o ENEM e vestibulares.

Na escola onde cursei o Fundamental II e o Ensino Médio, a presença da biblioteca era constante no nosso cotidiano. A professora de português sempre nos incumbia de fazer fichas literárias e nos dava um prazo para ler um livro. Além disso, havia concursos de leitura que aconteciam na Educação Integral, da qual eu fazia parte.

É notável a perda do hábito de leitura após o Ensino Médio, especialmente para quem não ingressa imediatamente na faculdade. Depois que me formei, passei algum tempo sem ler, retomando esse hábito somente quando comecei a fazer cursos e, mais tarde, ingressei no Ensino Superior.

Os números, além de seu uso cotidiano e necessário, sempre estiveram presentes na minha vida. Eu os

encontrava nas aulas de reforço que ministrava e nos trabalhos que tive, como na sorveteria e na loja de eletrodomésticos e roupas.

Com o trabalho e as tarefas diárias, acabo lendo apenas o que é necessário no momento, algo que quero melhorar, pois gosto muito de leitura, especialmente romances.

Em relação às finanças, sempre prestei atenção especial nas compras, especialmente quando se trata de juros e da análise do que vale a pena. Sempre controlo o quanto ganho e o quanto preciso gastar, principalmente quando falamos de parcelamento no cartão de crédito. Assim, podemos perceber o entrelaçamento entre o português e a matemática, afinal, a matemática não se resume apenas a números, mas também aos "produtos notáveis".

Perspectivas Pessoais Sobre Letras e Números*Matheus Câmara Andrade**Montes Claros/MG*Fonte: www.rawpixel.com

A religião sempre esteve muito presente no ambiente onde cresci. A família do meu pai é evangélica, enquanto a da minha mãe é majoritariamente católica. Essa influência fez com que textos religiosos fossem meu primeiro contato com as letras.

Logo nos primeiros anos de vida, aprendi que meu nome, com essa grafia específica, foi escolhido por ser a forma usada na Bíblia. Inúmeras vezes, em situações como:

— “O nome dele tem H?”

— “Não, é a forma bíblica”, respondia minha mãe.

Ao abrir a Bíblia, hinários e outros livros cristãos, eu não entendia nada do que estava vendo, mas, ainda assim, ali começava a se desenvolver minha curiosidade pela leitura. Aprendi a ler, escrever e fazer contas na escola, e ainda tenho lembranças vívidas dessa época. O processo começou no 2º período da educação infantil. Tia Cão, minha primeira professora, escrevia no quadro uma letra de cada vez e nos ensinava os movimentos que nossas mãos deveriam replicar para que cada traço fosse corretamente colocado no papel.

Entre as várias letras do alfabeto, meu ponto fraco era a letra “S”. Até hoje, lembro-me nitidamente, aos cinco anos, sendo o único da sala a receber uma folha completamente em branco, com a orientação de escrever quantos “S” fossem necessários até alcançar uma forma visualmente adequada.

Algo semelhante aconteceu nas aulas de Matemática: tia Cão não gostava que construíssemos o número “8” com uma bolinha em cima da outra. Pelo menos dessa vez, eu não estava sozinho; muitos colegas também receberam uma folha em branco para praticar a forma que ela desejava.

De maneira geral, a escola sempre me auxiliou muito, oferecendo um ambiente de aprendizagem que incluía o ensino de regras e padrões, avaliação do progresso, incentivo, apoio e intervenções. No meu entendimento, a escola cumpriu bem seu papel.

Com a evolução das habilidades de leitura, surgiu meu primeiro hobby: ler revistas em quadrinhos. Muitas vezes, meu pai chegava do trabalho trazendo um gibi do Pato Donald ou do Pateta. Eu o agradecia e recebia as revistas com um sorriso de orelha a orelha, pois eram minhas favoritas, graças ao estilo atrapalhado, aventureiro e de grande coração dos protagonistas.

De tempos em tempos, eu era levado a uma banca de jornais para escolher a próxima aventura literária e, em certa ocasião, descobri uma revista que marcou minha juventude: a Recreio. Incentivado pela minha mãe, que assinou a

revista, eu mergulhava quinzenalmente em uma nova edição.

Durante esse período, comecei a me familiarizar com mais gêneros textuais, já que, além dos quadrinhos, a revista trazia reportagens, entrevistas, contos, propagandas e cartas. Por outro lado, o gosto pela escrita não acompanhou a intensidade do gosto pela leitura. Com o passar dos anos, percebi uma maior facilidade para construir textos objetivos e concisos, e uma dificuldade nos que exigem um estilo mais criativo, algo que atribuo à afinidade pessoal.

Curiosamente, meu interesse pela Matemática não se manifestou durante o Ensino Fundamental e Médio. Nessas etapas, era apenas mais uma das várias disciplinas que eu precisava estudar para ser aprovado.

Após fazer o ENEM, em uma época de muitas dúvidas sobre qual caminho seguir, escolhi e fui aprovado no curso de Engenharia Química, no qual estudei por alguns anos, mas não finalizei. Ainda assim, foi nessa fase da vida que despertei meu interesse pela Matemática, uma vez que todo o ferramental para a resolução de problemas, o pensamento lógico, a estrutura e as aplicações práticas me fascinaram.

Após um tempo fora do ambiente acadêmico, descobri, navegando pela internet, o processo seletivo da UFVJM para licenciatura em Matemática no formato EAD. Não pensei duas vezes e me inscrevi.

Meses se passaram, e foi com muita alegria que recebi a notícia da aprovação, vendo nisso uma grande oportunidade de aprofundar meus conhecimentos, desenvolver-me e me capacitar na área de meu interesse. Em certo momento do curso anterior, também fui motivado a aprender línguas estrangeiras. O que começou como uma busca por uma possível vantagem competitiva no mercado de trabalho se tornou um hobby que mantenho até hoje, com o inglês e o francês.

Nesse processo, adquiri o hábito de praticar imersão nessas línguas através da leitura, o que ajudou a internalizar estruturas e vocabulário. Além disso, escuto podcasts e assisto a vídeos produzidos por falantes nativos diariamente.

Como resultado, adquiri não só novos conhecimentos linguísticos, mas também aprendizados sobre culturas até então desconhecidas para mim. Isso me proporcionou uma nova forma de enxergar o mundo, mais compreensiva e

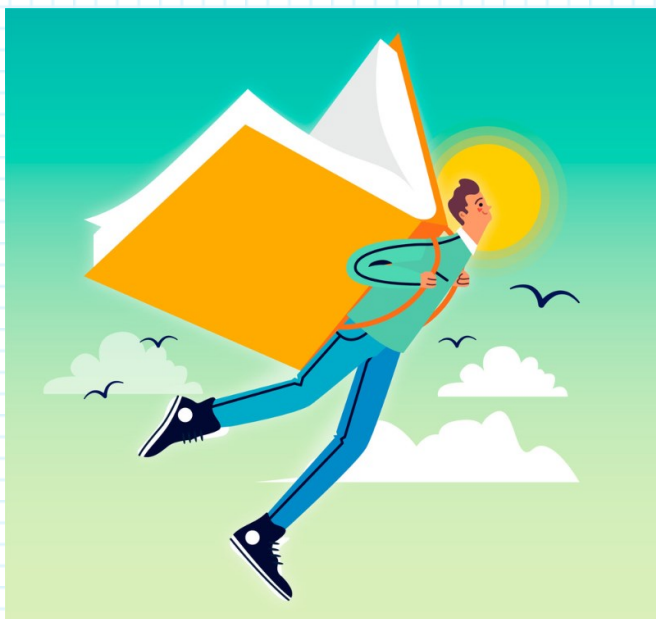
tolerante. A sensação indescritível de poder me comunicar em outro idioma foi um marco significativo nesse processo.

Minha interação com letras e números, seja no aprendizado escolar, no trabalho, nas atividades cotidianas ou nos momentos de lazer, revela como esses símbolos são mais do que simples ferramentas de comunicação e cálculo. Eles moldam a maneira como penso, resolvo problemas e compreendo o mundo, sendo um aspecto fundamental da minha jornada pessoal e intelectual.

Uma Plataforma de Viagem Chamada Leitura

Silas Oliveira Silva

Itamarandiba/MG



Fonte: br.freepik.com

Meu primeiro contato com a leitura foi em sala de aula, diferentemente de muitas crianças que, hoje em dia, têm acesso a recursos que estimulam a leitura devido ao grande avanço tecnológico. Na minha casa, não havia livros que pudessem despertar meu interesse pela leitura e, mesmo

que houvesse, seria difícil me convencer a começar a praticar, pois, antes de entrar na escola, eu só pensava em brincar.

Algum tempo se passou e lá estava eu, matriculado na escola. Lembro que um dos meus primeiros desafios foi escrever meu nome completo. Foi uma tarefa difícil, mas, depois que consegui, fiquei admirado comigo mesmo por tal proeza. Logo depois, o desafio era aprender a ler, o que, a princípio, me pareceu impossível, pois tive muita dificuldade. A situação piorou quando via meus colegas se desenvolvendo melhor que eu, o que me levou a crer que não era inteligente o suficiente para aprender a ler.

O que me ajudou foi a grande paciência que minha professora, Maria Luiza, teve comigo, e até hoje sou grato a isso. Aos poucos, consegui juntar uma letra à outra, formar sílabas e, quando menos esperava, já estava lendo. Vibrei muito ao conseguir ler toda uma frase sozinha. A emoção foi ainda maior quando li um livro inteiro. A partir daí, fiquei maravilhado com o poder da leitura e comecei a ler tudo o que podia: placas e anúncios na rua, bulas de remédio, revistas, embalagens de produtos etc.

Até um certo período do Ensino Fundamental I, éramos incentivados a ler. Os professores reservavam um horário

para levar a turma à biblioteca, onde cada um escolhia um livro. Líamos no jardim ou em lugares reservados, mergulhando no universo de cada história. Com o tempo, no entanto, fui deixando a leitura de lado. Voltei a ter contato com a leitura no Fundamental II, por forte influência da minha professora de Português, Rita, que nos estimulava a ler por meio de uma dinâmica muito interessante.

A dinâmica funcionava assim: ela escolhia um determinado livro para toda a turma ler em um prazo determinado. Depois de concluirmos a leitura, devíamos elaborar algumas perguntas sobre o livro, e, em uma data marcada, organizávamos a sala em círculo, onde os, alunos, fazíamos perguntas uns aos outros, sendo avaliados tanto pela elaboração das perguntas quanto pelas respostas dadas.

Outra dinâmica que ela criou consistia em cada aluno ler um livro da biblioteca escolhido a livre arbítrio e, em um dia determinado, contar a história para toda a turma.

Foi através dessas dinâmicas que conheci muitos clássicos da literatura brasileira, tais como “Dom Quixote”, “A Droga da Obediência”, “O Cortiço”, “Dom Casmurro” (Capitu traiu ou não traiu Bentinho?), “Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda”, “Meu Pé de Laranja Lima”,

“Depois Daquela Viagem”, entre outros. A partir disso, relembrei o quão bom é se dedicar à leitura e voltei a explorar outros livros que estavam disponíveis na biblioteca da minha escola.

Nesse período, comecei a frequentar a igreja, e a leitura da Bíblia tornou-se um hábito. Ficava maravilhado ao ler cada história da Sagrada Escritura, desde os milagres e maravilhas do Velho Testamento até os milagres que Jesus operou, sem contar todas as histórias vividas pelos apóstolos após a partida do Mestre. Tudo isso contribuiu para alicerçar ainda mais minha fé em Deus.

Hoje, continuo a praticar a leitura, mas de uma forma um pouco não convencional. Isso porque sou concurseiro e parte do meu tempo se baseia em ler materiais em PDF ou até mesmo a “lei seca”. Confesso que já faz tempo que não leio romances como aqueles que lia na época da escola, mas pretendo voltar a embarcar em viagens que me levem a outros mundos, se é que me entendem

Combinando o Ontem com o Hoje

Silas Pechim de Oliveira

Araçuaí/MG



Imagem gerada por IA em designer.microsoft.com

Sou de Araçuaí, uma pequena e modesta cidade do norte de Minas Gerais, lugar que ficou conhecido como Vale da Miséria e hoje é mundialmente conhecido como o Vale do Lítio do nosso país.

Meus primeiros contatos com a leitura e a escrita na escola foram bem modestos por falta de incentivo; porém, em casa, recebi bons estímulos.

Sobre minha infância, tenho uma vaga lembrança de ir à missa dominical com os meus pais e ficar curioso com o que havia de informação nos folhetos das celebrações religiosas. Ficava ansioso para entrar na escola, aprender a ler e, finalmente, acompanhar os demais fiéis, que fixavam os olhos naquele emaranhado de letras dos hinos e preces. Foi na adolescência que comecei a me questionar sobre os significados e sentidos daquelas leituras.

Me lembro de pegar pedaços de giz na escola para brincar de dar aulas para alunos imaginários em casa. Nas minhas aulas, utilizava o que era aprendido em sala de aula, principalmente temas relacionados à matemática. Usávamos uma das portas de casa como quadro.

Já na adolescência, conheci um dos meus autores preferidos: Sidney Sheldon. Até os dias atuais, perco-me em suas obras cheias de mistérios, cujas histórias povoam a mente do leitor com intensa imaginação. Naquele momento, meus primeiros contatos com o texto informativo foram com a leitura mensal das revistas *Galileu*. Como os temas relacionados à pesquisa e à ciência sempre

me atraíam, ficava ansioso por finalmente receber cada edição em casa.

Com o passar do tempo e com a digitalização das informações, passei a ter o hábito de ler diariamente mini reportagens pelo celular, que acesso via páginas eletrônicas de notícias, principalmente da BBC News.

Hoje, busco manter a leitura e escrita como rotinas diárias, combinando antigos livros com histórias nostálgicas, as quais me remetem aos tempos de escola, e leituras atuais de notícias.

Em meu primeiro ano na universidade, tenho lido mais. Somando-se à prática de leitura costumeira que adquiri ao longo do tempo, estou recebendo com bastante entusiasmo a diversa carga de possibilidades de conhecimento que os textos universitários me proporcionam. O tempo tornou-se mais escasso, porém não é nada que seja impossível de gerir. Quando estou no ônibus em direção ao trabalho, por exemplo, aproveito esse momento para mergulhar nas intrigas e mistérios dos livros de suspense, dos quais não abro mão.

Sinto-me empolgado com isso, pois vejo essa oportunidade única na minha vida como um desafio para o

autoconhecimento, sem falar no prazeroso ato de abrir minha mente para um vasto mundo de coisas novas.

Contudo, nem tudo são flores. Como faz bastante tempo que concluí o ensino básico (me formei em 2007!), tenho dificuldades para relembrar todo o conteúdo que aprendi na escola, o que de fato nos dá base para seguirmos com o curso de nível superior.

Por isso, estou tendo que fazer uma reciclagem, principalmente em matemática, através de videoaulas nas plataformas digitais gratuitas. Tenho certa dificuldade com as matérias muito abstratas, como Fundamentos Filosóficos e Sociológicos da Educação. Por outro lado, gosto bastante das matérias relacionadas ao cálculo, como Introdução ao Cálculo e Química Geral.

Acesse nosso site com diversos outros e-books
gratuitos e impressos a preço de custo

auladigital.net.br

